ANO 25 — QUARTA-FEIRA, 16 DE JANEIRO DE 1946 — N.º 8312

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — JOAQUIM MANSO

TELEFONES: P. B. X. 2 0271, 2 0272, 2 0273 — REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA — EDITOR — JOÃO CHRISOSTOMO DE SA

ENDEREÇO TELEGRÁFICO: *DIBOA* — RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA — ADMINISTRAÇÃO — RUA D. ROSA, 57, 2.º — NUMERO AVULSO: 50 CENTAVOS

VELHO TEMA

O senador americano Vandenberg, na sessão da Assembleia das Nações Unidas, celebrada ontem, disse o seguinte:

—A Imprensa livre é um dever e um assunto vital que esta Assembleia tem de considerar o mais depressa possivel, porque não poderá haver paz duradoira sem essa liberdade.

Desconhecemos que destino terá a proposta do delegado filipino, Pedro Lopes, pedindo a urgente convocação da Conferência Mundial da Imprensa da qual deverá sair a Carta de Liberdade dos jornalistas.

Miragem ou realidade? Aspiração justa ou pretensão infundada?

Na fase do após-guerra em que estamos, necessita-se duma tranquila compreensão do que é necessário ou superfluo à construção da paz, por enquanto oscilante como barco que a vaga açoita.

Corresponde realmente a Imprensa a uma posição de necessidade, de modo a ser impossivel reduzi-la à disciplina do animal doméstico?

Nós, como já tanta vez afirmámos, entendemos que assim é e que assim deve ser. Incontestàvelmente—o exemplo salta aos olhos—é missão do jornalista informar, apreciar, julgar, esclarecer e interpretar a voz do povo. Cumpre, sobretudo, que não se deixe arrastar por sectarismos cegos ou violentos, contrariando tudo que tenda a atiçar ódios e a fomentar discórdias.

O jornalista há-de ser culto, tolerante, alheio a patuleias e a oligarquias, disposto a bater-se pelos generosos principios que servem de base aos grandes movimentos sociais. A sua formação intelectual, além de vasta e variada, harmonizar-se-á com uma compreensão humana das lutas em que se empenham os homens, a fim de moderarem as desigualdades e as tremendas injustiças de que são vitimas os fracos e os desprotegidos. Todo o jornal que se presa carece de manter uma atitude como cada moeda se destingue por um simbolo nacional.

A Constituição de 1933 reconhece e atribue à Imprensa este caracter—utilidade pública. Tal designação não invalida uma outra—utilidade do público. Conciliam-se coisas que poderiam parecer inconciliáveis. O legislador, quando coloca a Imprensa em tal altura, não pensou em escravisá-la.

Ele próprio a considera livre, embora sujeita a certas normas destinadas a combater o personalismo egoista, tanto dos individuos como dos grupos. Sem peias na sujeição aos mandamentos da Pátria, alheia a torvas maquinações subterraneas.

Que pretendemos nós, sustentando há tanto tempo que se dê à Constituição a plena eficácia das suas disposições, no tocante às garantias essenciais do cidadão?

Naturalmente, acertar a vida da Nação pela do Estado e a do Estado pela da Nação. O sr. Presidente do Conselho, no seu último discurso, na Assembleia Nacional, não se mostrou inclinado a admitir fórmulas menos rigidas para a expressão do pensamento pela Imprensa?

Confiamos na sua honrada palavra.

Ele próprio não publicou, no «Diário de Noticias», pela pena de António Ferro, duas sensacionais entrevistas em que, com a autoridade que lhe assiste, rebateu os ataques e argumentos da oposição?

Não procedeu ele como jornalista livre?...

Não é nossa intenção perturbar ou desorientar, reclamando regalias indevidas, pois tão sómente temos em vista restituir o seu prestigio, não à Imprensa desvairada, sectária e caluniadora mas à que convictamente trabalha para que o bem comum triunfe das mãos recurvas e avaras que tudo apetecem e maculam.

Quem se lembra

que há nas ruas

receptáculos para papeis?

Há muito que a Camara Municipal, obsequiosamente para o transeunte e num desejo, aliás legitimo, de manter as ruas da cidade num relativo estado de limpeza, colocou aqui e ali uns pequenos receptaculos destinados a absorver papeis, pontas de cigarros, cascas de frutas, etc. O mais curioso é que esses receptaculos se conservam, durante largas semanas na sua quasi totalidade, completamente vazios. O lisboeta não liga importancia á sua silenciosa função. Continua a deitar tudo para o solo, economizando um insignificante gesto, que nada lhe custava senão um nadinha de paciência. A Camara Municipal que é, persistente propõe-se agora chamar de uma maneira mais decisiva a atenção do homem da rua. Nos pequenos receptaculos vai ser pintado, não dizemos de uma maneira sugestiva, mas evidente, o que ali deve ser deitado. Trata-se de uma excelente propaganda visual, que o lisboeta, sempre distraido, mas amavel, compreenderá, tanto mais, caso rarissimo, que nada lhe pedem para isso!

OPERARIO: deita ali a tua «beata» enegrecida! SNOB: não te esqueças que tens um recipiente á mão, onde tudo que é oiro se reduz, afinal a pó, cinza e nada!

A Organização das Nações Unidas

está a discutir o pedido

da representação dos «Trade Unions»

nos trabalhos em curso

LONDRES, 16. — (De Silvain Mangeot, redactor diplomático da Agência Reuter).—Depois das deliberações solenes em sessão plenária da Assembleia Geral da UNO, iniciou-se o trabalho das comissões. Em volta de duas pequenas mesas, o trabalho marcha a ritmo acelerado. Não há longos discursos e esta circunstancia é considerada por muitos observadores como o melhor augurio para o exito na solução dos problemas mundiais. A atmosfera serena é preferivel á atmosfera artificial das assembleias plenárias e solenes. A comissão legal passou o seu tempo de trabalho a discutir o pedido da Federação Mundial das «Trade Uunions» para estar representada na UNO, quer na Assembleia Geral, quer no Conselho Económico e Social. O pedido não é novo. Foi apresentado em San Francisco e repetido perante a comissão preparatória da UNO. O debate de ontem revelou algumas interessantes modificações na atitude de vários delegados quanto ao processo a adoptar para com a Federação.

A Russia e a Ucrania mostram-se absolutamente favoráveis ao pedido, com o fundamento de que esse organismo, representando 60 milhões de operários de todo o Mundo, deve ter voz nas discussões da UNO, principalmente na hipótese de se terem de aplicar sanções economicas. A Grã-Bretanha opõe-se ao pedido com o fundamento de que a admissão de um organismo não governamental na UNO constituiria um precedente que exige cuidadoso estudo.

Mais tarde, Spaak, na sua qualidade de presidente propôs que fosse nomeada uma subcomissão de seis membros para se avistar com os representantes da Federação Mundial das «Trade Unions», aguardando-se o resultado dessa conferência. A sub-comissão da UNO deve procurar obter dos representantes da Federação propostas concretas acerca da cooperação que pensa em prestar ao trabalho da UNO.

Verifica-se que tanto a Russia como a Ucrania defendem o seu ponto de vista com persistência, emquanto a a Grã-Bretanha também não desiste do seu modo de pensar. Quanto a esta a justificação, mais plausivel parece ser a de que sempre preconizou que se mantivessem as Repartições do Trabalho da UNO.

Verifica-se que tanto a Russia como a Ucrania defendem o seu ponto de vista com persistência, emquanto a Grã-Bretanha também desiste do seu modo de pensar. Quanto a esta a justificação, mais plausivel parece ser a de que sempre preconizou que se mantivessem as Repartições do Trabalho Internacional e que estas fossem de qualquer maneira adoptadas pelo Organismo das Nações Unidas. A Russia sempre olhou, essas repartições com suspeição, considerando-as restos dos maus dias da velha Socieda-

(Continua na 8.ª pag)

Manifestam-se divergências

entre os três grandes partidos

no seio do Governo francês

PARIS, 16.—(De Harold King, correspondente especial da Reuter)—Começam a surgir divergências no seio do Governo francês. Os três principais partidos politicos iniciam as suas manobras para tomarem posição, em vista das próximas eleições gerais que se devem realizar em fins de Maio ou principios de Junho. Desde a demonstração de harmonia e unidade que se verificou na Assembleia Nacional em 26 de Dezembro, quando foi votada a lei da desvalorização do franco por unanimidade, a situação politica piorou. Os socialistas parecem agora ansiosos por se dirigirem ao país sem qualquer aliança com os católicos progressistas, á sua direita, ou os comunistas, á sua esquerda. Os comunistas principiam a dar sinais de impaciencia pelo constrangimento que pesa sobre eles pela sua participação num Governo de coligação, em que estão fortemente representados sem que a sua politica se alinhe com a de Moscovo.

Nos ultimos dias, a Imprensa e os chefes do Partido Comunista começam a revelar com muita clareza que a coligação prejudica a sua liberdade de acção e, portanto, o cumprimento do seu programa que eles consideram poder curar os males da França.

O general Charles De Gaulle mantem-se silencioso. A noticia de que ele pensa em constituir um partido próprio ou deseja apresentar-se como candidato nas próximas eleições não tem fundamento em facto ou projectos que sejam conhecidos. O que é certo é que a sua força em face das esquerdas deve ser posta á prova em fins de Fevereiro, quando a nova constituição francesa fôr discutida na Assembleia. O próprio De Gaulle e os partidos das direitas, incluindo mesmo alguns socialistas, não concordam com algumas das propostas até agora apresentadas pela Comissão Constitucional da Assembleia. E' em volta do projecto da Constituição que a luta eleitoral pode cristalizar-se—e pode muito bem derrubar o Governo de coligação antes da data das eleições. Esse Governo contudo resolveu alguns problemas importantes.

A desvalorização do franco resolveu provàvelmente problemas prementes de tesouraria nos próximos meses e, com alguma felicidade, pode solucioná-los até ás eleições. Esta circunstancia é importante, em virtude da actual atmosfera politica e da impaciência do publico a respeito da situação alimentar. Além disso, o capital não se mostra impressionado pela forma como o Governo maneja a situação financeira e não se mostra inclinado «a ajudar o Governo a saldar o «deficit» orçamental». Esta declaração foi feita em publico por um banqueiro particular.

Contudo o panorama financeiro não

(Continua na 8.ª pag)

Os assassínios em Berlim

BERLIM, 16.—Deram-se 10 assassinios em três semanas no sector de Berlim ocupado pelos americanos. Este total foi atingido com a noticia de que foram detidos dois soldados americanos, depois da morte de um alemão num café. As autoridades continuam a investigar sobre as mortes do motorista militar britanico e de um russo que foram alvejados a tiro por pessoas, cuja identidade não foi estabelecida. Anteriormente foram assassinados também a tiro três alemães, dois russos e dois americanos. —(Reuter).

A actividade desenvolvida

pelo príncipe Otto

VIENA, 16.—Noticiass em confirmação, provenientes do Tirol, zona de ocupação francesa da Austria, anunciam que Otto Habsburgo, pretendente ao trono da Austria, que foi expulso daquele país depois de uma visita ilegal que ali fez ha dois meses, regressou ao Tirol. O orgão socialista «Arbeiterzeitung», no seu numero desta manhã, reclama do Governo medidas imediatas para o cumprimento da lei de ha 25 anos, que expulsa os Habsburgos da Austria.—(R.).

O subsecretário da Guerra

visitou a fábrica de Barcarena

O subsecretário da Guerra, sr. tenente-coronel Gomes de Araujo, acompanhado do administrador geral do Exército, sr. general Peixoto e Cunha, e do director da Arma de Artilharia, sr. general José de Mascarenhas, visitaram hoje a Fábrica da Pólvora de Barcarena. Recebidos pelo director da fábrica, sr. tenente-coronel António Rebocho, e pelo engenheiro-chefe, sr. capitão Oliveira Pinto, assistiram á experiência de novos modelos militares, ali concebidos e construidos.

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

VIDA literária

Livros novos

«*O Crime do Moinho do Urzal*», por Jaime Ferreira.

Jaime Ferreira

Jaime Ferreira assistiu aos últimos actos do drama do Urzal. Quer dizer: esteve em Vila Verde, viu e ouviu quanto se passou no último julgamento do Abilio Soares da Silva —alma de rijo animo que esperou doze anos pela sua reabilitação. Sem dúvida, esta não chegaria, sem a persistência de um homem bom e tenaz nos seus designios: o padre Baltazar.

Queria que se provasse a inocência do seu penitente de Caxias e conseguiu-o, por si e por quantos puderam entender-lhe a persistente vontade.

Jaime Ferreira, nosso camarada na Imprensa, como «reporter» moderno e homem de coração, acompanhou os factos. Primeiro, à base das suas próprias reportagens, surgiu a sua valiosa colaboração num livro de Padre Baltazar. Agora, aparece a reportagem completa do julgamento que ilibou o antigo oficial de diligências de toda a culpa.

E' este o livro que temos presente: «O Crime do Moinho do Urzal», cerca de trezentas páginas, com largas notas biográficas—um verdadeiro documento, enfim, do drama que mais apaixonou a opinião pública nestes anos mais próximos.

Para abranger todo o complexo desse drama, Jaime Ferreira muniu-se de todos os elementos de informação e bem pode dizer-se que, na realização das suas esplêndias intenções, o jornalista se houve como escritor de fina sensibilidade. O seu livro está cheio de interesse, escrito com ligeireza elegante e, até, por vezes, com verdadeira emoção.

O público que se apaixonou pelo drama do Abilio não deve deixar de ler este livro onde há muitos elementos novos, sem referência nas reportagens dos jornais. Além disso, «O Crime do Moinho do Urzal», trás gravuras que são outros tantos documentos e que mais valorizam o interesse da leitura.

«Noite sem estrelas», contos de Ferro Rodrigues, um novo que vem ocupar, com interesse, o seu lugar nas letras.

OS NOSSOS CONTOS

O REI

por **Conrado Selvagem**

cipós e
Agora
e veria

diante
nhado
chos.
de est
de esp
terra r
barriga.

nãos em cima, não! Lá a traição mesquinha das grades de bambu mascaradas com lhagem verde, vá. O berreiro do vitelo a desafiar-lhe a gula e a armar-lhe o laço, vá. mãos em cima, isso é que nunca! Que se atrevessem os homens. Que se atrevessem uem era o rei da selva!

udiu a juba e deixou as patas traseiras dobrarem-se até ficar sentado e erguido nas Os seus olhos castanhos e expressivos dirigiram-se para lá das grades e ficaram so- A selva. O sol gritante e luminoso espreitando através da folhagem. A gritaria dos bi- svoaçar barulhento das catatuas. Depois, a noite. A noite enluarada e carregadinha s. O rio correndo suavemente para o norte, e êle, o bicho-rei, lambendo a água cheia ozinhos de luar. Êle sacudindo a cauda, acachapado na areia a sentir o frescor da

E quando o veado surgia, á cata de erva tenra e da morte? Um rugido ape- nas e êle correndo apavorado. Então, pulava. Um pulo enorme e elegante, um pulo em que todos os musculos se distendiam e as unhas brotavam como rebentos concebidos. Que raiva! E estava ali, um bicho como êle! Ali, á mercê dos homens que tinham mêdo até do guincho dum macaco. Dos homens que inventavam máquinas para matar, que não sabiam combater como êle, com unhas e dentes.

Mas não! Aquilo tinha de acabar! Os homens eram de um descaramento inaudito quando pretendiam assustá-lo com um chicote e uma cadeira. Que pensavam? Como ia tremer de medo! Era de rebentar a rir! Um chicote e uma cadeira!

Rugiu, desafiando. Um menino que brincava perto ergueu a cabeça loira, olhou num mixto de espanto e aborrecimento, e estendeu-lhe a lingua, numa momice cómica. Que vergonha! Até aquele bocado de gente fazia troça!

Ah! Lá vinha o homem com o pedaço de carne espetado no tridente. Também, era a unica coisa acertada que faziam, a unica.

Acachapou-se quando a carne veio e estraçalhou-a sem tirar os olhos do lado de lá da grade. Dentro de si, emquanto o sangue fresco corria guela abaixo, nasceu uma grande saudade. Saudade dos palmares, da meninice tumultuosa de contradições e espantos. Da primeira vitima da sua ferocidade. Das noites de vigilia á beira do rio, esperando a presa. Saudades do deserto amarelado e morto. Saudades até da própria hiena, covarde e repelente, que êle, rei dos bichos, nunca vira a direito.

Quem mexeu na porta? Ah, o homem da cadeira e do chicote. Ia ver quem era êle, olá se ia!

Arqueou-se e estendeu as garras. Mas o homem passou e a porta continuou fechada.

Depois, a noite veio e levaram-no dentro de um carro como quem carrega um fardo insignificante. Injuria, rei da selva, injuria!

* * *

Para que o meteram naquela jaulinha onde mal pode mexer-se? Que ruido é aquele e para que será aquela maldita fantarra?

Rrrrrr! O quê? Abriram-lhe a porta, assim, sem mais nem menos? Hesitou. Depois, lentamente, transpôs a abertura. Milhares de luzes ofuscaram-lhe a vista. A pouco e pouco, foi-se habituando. Agora, a jaula era outra, enorme, gradeada por todos os lados. E lá fora muita gente sentada e de olhos postos em si. Aí estava! Cobardes como sempre, os homens!

Pulou e rugiu. Houve gritos histéricos de mulher e um silêncio de pavor pairou. O rei começava a divertir-se. Então, um cheiro cortoulhe as ventas como uma lamina. Alguém estava com êle dentro da jaula. Voltou-se. Dentro das suas pupilas a imagem do homem de vermelho recortou-se como um insulto. Pois quê? Existiria no mundo um homem que se arrisca-se a tanto? Que viesse desafiá-lo assim, sem uma grade de permeio? Mas estraçalhava-o, ou não fôsse êle o rei dos bichos, forte e valente como não havia outro!

Quis precipitar-se logo, mas a velha prudência que a selva lhe ensinara fê-lo meditar. Porque, só aquele estava ali? Para subjugar-se um rei como êle não chegava a gente toda que se encontrava do lado de lá da grade. E, precisamente, o grande numero estava de fora, a salvo e tremia de pavor, que êle bem o via. E ali dentro, só um homem, e calmo. Calmo, pelo menos exteriormente. E quem adivinha o que se passa na alma de um homem, quem adivinha? Não! O melhor era vêr até onde o arrôjo chegava. Nada de precipitações. Dignamente deu-lhe as costas e fingiu-se indiferente. Mas não estava e, sem saber porquê, teve a noção de que o homem lhe adivinhava o pensamento. Tinha de ser. O insulto fôra já longe demais. Voltou-se de um pulo, escancarou a bôca mostrando os dentes e... vergonha das vergonhas! O homem estava de costas para êle. Saltou, mas oc hicote parou-lhe os impetos. Era demais!

—Deita-te!

An? Aquilo era com êle? Que riso! Êle, o bicho-rei, cumprindo ordens do homem. Deu-lhe o flanco. Novamente o chicote levantou poeira mesmo debaixo do focinho. Esfrangalho-o, se repete a graça! Mas a graça repete-se e êle não esfrangalha ninguém. Está vencido, irremediavelmente vencido.

Então, o homem chega-se, ajoelha e abre-lhe a bôca, apoiando as mãos aos seus dentes grandes e poderosos. Paira um silêncio de morte. As moscas ouvem-se. Lentamente, a cabeça do domador encaixa-se entre as suas mandíbulas de ferro puro.

De novo a saudade rebenta na sua alma. Saudades da selva, do luar, do sol gritante e luminoso espreitando através da folhagem, saudade da mãe leoa e da sua meninice de bichinho doido.

E, emquanto as palmas estrugem e a fanfarra geme, o rei cerra os olhos e sente lágrimas de raiva e de vergonha queimarem-lhe as pupilas.

E não fecha a boca.—C. S.

Intitula-se *Glórias e Catastrofes de Lisboa* a obra com que o ilustre escritor Rocha Martins comemora o oitavo centenário da capital.

Saiu o II fasciculo dos «Cadernos Historicos, dos escritores Rocha Martins e Lopes de Oliveira. Nesversa-se os direitos do povo, estruturados na famosa Casa dos Vinte e Quatro.

O PRETO NO BRANCO

O POVO ELEITO

O homem estava em pé diante de mim, dominando-me com a sua alta estatura. Impressionavam-me nele sobretudo as barbas, que me evocavam recordações dum livro com estampas, que eu gostava muito de folhear em pequeno e onde havia homens assim altos como este, e com barbas iguais. Era uma história sagrada. Como depois, durante a minha vida, a maior parte das pessoas que eu tenho conhecido, usam a cara rapada, convenci-me sempre de que aquelas barbas eram uma invenção dos desenhadores das estampas, do tal livro. Mas tinha ali, na minha frente, o desmentido. E também me impressionavam os olhos do homem—redondos como os de certos pássaros nocturnos e dum azul de «miosotis», inconvenientes numa face daquelas tão barbuda e enérgica. Irresistivelmente prestava-lhe ouvidos, ouvia-o com interesse tal como nos sucede quando, ao passar numa praça da cidade, paramos a escutar um sujeito empoleirado num estrado e que exige a nossa atenção. E ele continuava, aproveitando-se da minha, para me doutrinar:

—Como o senhor vê os gregos já fizeram o seu tempo. As coisas que eles inventaram já se não usam. Ninguem constroi edificios com colunatas, jonicas ou doricas. O cimento armado substitui os marmores que só são empregados nas mesas dos restaurantes, nas banquinhas de cabeceira e no revestimento de certos locais higienicos. A nossa Praça do Imperio, por exemplo, soberba, grandiosa, é toda em «staff», mais maleavel e mais barato. E com as ideias deu-se o mesmo. Aristoles foi superado. O silogismo já não serve. A lógica deixou de ser uma batata, o que ainda a tornaria alimenticia, para passar a ser uma inutilidade. Os homens hoje têm á sua disposição a «logistica»—que está longe de ser grega de origem e a «dialectica» que é germanica. Quem se importa agora com o Mediterraneo não me dirá? Os aviões passam-lhe por cima e os seus golfos, os seus arquipelagos, as suas baias azues, podem servir, quando muito, como alvos, ás naves aéreas.

O outro povo, os judeus, que dominaram o Mundo por outra forma, pela religião e pela moral, estão cansados de ser «povo eleito» e consta que pediram a Jahveh para escolher outro.

Eu interroguei, curioso:

—D'ai v. ex. conclue?

—Concluo que estamos em face duma fundamental modificação no sentido da istoria. A umanidade sofre uma deslocação de influencias, como nas mudanças de regime. E' o «tirate tu, para eu ir para o teu lugar». Ha vagas para dirigentes, ha lugares a concurso. O senhor não tem candidato?

RAMADA CURTO

(Continua na 7.ª pag)

A segunda edição de um romance

«A Garça e a Serpente»

de *Francisco Costa*

Francisco Costa

Francisco Costa entrou na literatura pela mesma senda de Mauriac. Não é um falso valor, nem um valor de especulação. E' um talento, iluminado por uma alta consciencia, que deu ao moderno romance português uma tendencia catolica e moralista. Os seus livros, que tão flagrantemente observam a realidade, encontraram uma audição excepcional. «Primavera cinzenta», lançou-o em definitivo. «A Garça e a Serpente», de um conflito mais intimo, caracteres bem marcados e uma alta finalidade espiritual, como que o consagrou perante o leitor culto. E a prova é a segunda edição agora publicada da «Garça e a Serpente», a melhor obra de Francisco Costa. Não ha que discutir o tema estudado, aliás apaixonante, mas, sim, destacar a maneira como o escritor o realizou, numa interpretação de realidade nua, que nos empolga pela sinceridade e o objectivo. Pelo valor afirmado e pela nobreza das suas intenções, Francisco Costa pode hoje considerar-se um dos nossos melhores romancistas.

Eça de Queirós

alem fronteiras

—Não dispus de lugares para escrever, como desejei, sobre Eça de Queirós na celebração do seu centenário.

Assim me vi privado do prazer de dar, no escasso limite das forças que Deus me concedeu, o que penso da obra do grande escritor, pela qual tenho admiração sem limites. Não me ressaltam defeitos da leitura dessa obra genial, e também, não consinto que de mim se aposse a vontade escravizante de citar este ou aquele deslize fatal em obra humana.

Tenho para mim que Eça de Queirós não deixou uma página sem marcado sinête dum homem superior. Tenho-o lido e relido vezes sem conto: cada vez sinto em maior vulto essa superioridade vincada na prosa cristalina da sua obra sem par, duma probidade artistica que ninguem jamais por certo ultrapassou—do poder de justiça verbal que Deus lhe dera, sobrepunha ele o trabalho paciente de rebuscar a palavra adequada á ideia. E foi aquela adjectivação luzente que, em lingua portuguesa, ninguém mais soube usar.

Também reputo a segunda metade do século XIX periodo aureo da literatura nacional: e considero Eça de Queirós e Oliveira Martins as duas maiores figuras de prosadores lusitanos. Menos equilibrado que Eça, Oliveira Martins tem muitas páginas onde o génio fulgura: e assim entre os dois axistiu uma amizade, certa comunhão de ideias e de crenças que bem se irmanaram sempre, embora entre os dois houvesse disperidade de temperamento. Nascidos no mesmo ano, viveram na mesma febre de trabalho mental, e, ainda que em modalidades diversas, a mesma enfermidade os vitimou.

Mas estas linhas de mera gratidão (visto que mais não pude fazer) foram provocadas pela oferta dum livro, há dias trazido de Espanha até mim pelo correio. E' da autoria de Enrique Segura. Intitula-se simplesmente Vida de Eça de Queirós. *Estamos pois em presença duma biografia e o autor realizou-a com carinho e honestidade, rendeu culto á memória de Eça de Queirós, depois de ter já, conforme consta da lista das suas obras, ter vertido e prolongado em castelhano.* Um génio que era um Santo.

Assim Eça de Queirós cuja obra do romancista e novelista se desenrola na terra lusa, tem tal sentido universal, que continua a interessar e a prender atenções além fronteiras.

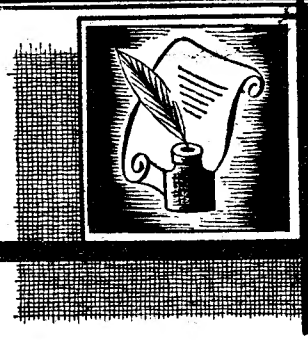
Quando, há dias, visitei a «Exposição Queirosiana» no Grémio Literário, eu senti, principalmente ante a evocativa reconstituição do seu gabinete de trabalho, toda a grandeza humana do escritor, tal como a cuidada leitura da sua obra o deixa adivinhar e o exame de dados bibliográficos o ilumina. E a biografia a que faço referência, escrita por um estrangeiro, com honestidade, enaltece o biografado.

Como português lhe agradeço o preito dedicado á memória de Eça de Queirós no livro escrito sobre a sua vida—e dedicado a Portugal.

Dezembro de 1945

MOTTA CABRAL

ROMANCE, POESIA E ENSAIO



CRÍTICA LITERÁRIA

IMPRESSÕES E COMENTÁRIOS

por João Pedro de Andrade

CABOCLA, romance de *Ribeiro Couto*

RUA DO DESTINO, romance de *João Amaral Junior*

Ribeiro Couto, poeta de emoções delicadas, como o testemunha o seu copioso livro *Dia Longo*, recolha das melhores poesias que em sucessivos livros tem publicado no Brasil, mostrou-se na prosa, nos dois livros primeiramente aparecidos entre nós, um escritor que não ignora os solavancos da vida, ás suas traições e ciladas, e os complexos individuais e colectivos gerados pelo artificialismo das relações sociais. Se os seus contos e novelas focam casos, tão nuamente narrados e tão enovelados na vida convivente que não se dá ás vezes pela sua expressão literária, certo é, porém, que nunca da parte do autor, na exposição ou no comentário, nos fica a impressão dum cético, dum cínico ou sequer dum espectador desinteressado. O homem sensivel observa e relata, e é na escolha dos assuntos, nos dados da observação, na revelação de certos contrastes, que encontramos os encantos máximos da sua arte discreta. O poeta está continuamente presente, aquele poeta enternecido que na paisagem nunca esquece a criatura e nas existencias aparentemente mais banais acaba sempre por descobrir um cantinho de melancolia ou de ternura.

Cabocla (Livraria Sá da Costa—Lisboa) é o seu primeiro romance divulgado entre nós. Aqui surge-nos o poeta da natureza, o de *Noroeste e outros poemas do Brasil*. Mas, mesmo nos seus livros de poesia em que mais se manifesta o amor á terra, o poeta não enjeita a sua qualidade de homem civilizado, e, ao mesmo tempo que canta os lugarejos recônditos, faz evocações das cidades com os seus progressos. Nas suas paisagens há sempre ou quasi sempre o *trem que carrega corpos indiferentes*, e *o mar sempre verde das lavouras* é atravessado pela *estrada de ferro*. Em suma, este poeta com a nostalgia dos ermos chama-se a si mesmo *um homem na multidão*, e o seu ideal da montanha não é completo sem o chalé de madeira que estala sob a ventania.

Cabocla é o poema em prosa da terra brasileira e o seu protagonista, Jerónimo Vieira Pires, é Ribeiro Couto, civilizado e diplomata, um pouco cansado dos ambientes citadinos, transpondo para o plano da ficção, não uma «real realidade», mas uns «estados de alma que experimentou no contacto quotidiano da vida do interior», como ele próprio confessa na nota á 2.ª edição do seu romance no Brasil. Ribeiro Couto não se engana nem nos engana quando diz: «Desde os anos de de adolescência que eu trazia dentro de mim, reflexo das primeiras viagens pela serra acima, essa *moça da estaçãozinha pobre*. A criação literária tem os seus mistérios». E poucas vezes deve ter acontecido que um autor, tão singela e corteiramente, venha confessar em publico a génese longiqua duma sua obra definitiva.

Jerónimo Vieira Pires vai para uma afastada vida do interior afim de se curar duma lesão que lhe ameaça um dos pulmões. Vai, deixando a distancia o Rio com as sua atracções, uma espanhola cupletista e outras «distracções uteis», e sobretudo uma carioca gentil, Pequetita Novais, cujo «dificil coração» começava a vencer. Antes da vila a que se dirige para casa duns parentes há uma paragem obrigatória, um pequeno hotel ao pé da estação. Aqui lhe aparece Zuca (Zulmira), «uma espécie de Nossa Senhora morena», acanhada e timida junto dos pais (os hoteleiros), desembaraçada e espontanea quando livre da presença deles. Jerónimo compara-a mentalmente ás mulheres que deixou no Rio, a sevilhana e a carioca, e destas primeiras emoções resulta uma extensa carta para o pai, em que desde logo se anuncia o intuito ainda vago de se fazer fazendeiro. O encanto envolvente vai abalando no rapaz as saudades do Rio. Todos os pretextos lhe servem para voltar ao hotelzinho da estação a saber de Zuca. Pequetita escreve-lhe, irónica e um pouco perversa. Em casa, os parentes rodeiam-no de atenções. Zuca iria passar com eles uns tempos, a auxiliar nos preparativos do enxoval dum filho que se espera. Mas a cabocla não é livre; vai casar com um funcionário local. Apesar disso, a atracção mutua continua, cada vez mais forte. «Não pense que eu sou boba. Você me beija, mas não é para casar comigo. Não me importo». Jerónimo perde-se em conjecturas ante o desembaraço da moça e os seus próprios sentimentos para com ela. Nas ausencias dela, a vida sedentária enerva-o, dá passeios ao sol e á chuva; recai. A prima, já madura para o parto, apoquenta-se com a hemoptise do hospede e aborta. No Rio, Pequetita consegue atrair a simpatia do pai de Jeronimo. O seu noivado iminente com um americano não merece a aprovação do comerciante que, assustado com o entusiasmo roceiro do filho, tenta atraí-lo á capital, insinuando-lhe o casamento com a carioca. A recaída do filho leva-o ao sertão, e o velho projecto da Suiça, outrora acalentado por Jerónimo e repelido pelo pai, volta agora, mas em posições inversas. Jerónimo, na véspera da partida, sofre e chora. E é Zuca que vem consolá-lo, dizendo-lhe ao ouvido, ao entregar-lhe a sua inocência: «Para não esquecer de mim». No Rio, Jeronimo espera a resposta do sanatório e sofre os assaltos de Pequetita, que rompera com o noivo. Uma carta do sertão evoca-lhe a realidade que se ía sumindo: Zuca estava doente. Jeronimo abandona tudo e volta á estaçãozinha pobre. Ao alvoroço da visita inesperada, sucede a indiferença. Desistindo da anunciada viagem á Europa, perdera o prestigio de doente e de homem viajado. Os primos recebem-no friamente. Zuca não saía do quarto. Sem ela, o sertão perdera os seus encantos. «O episódio sertanejo chegava ao fim». Mas a indiferença da cabocla era obra da parente de Jerónimo, zeladora da honra da moça em cujo casamento desfeito ela farejava a influência do primo da cidade. Aproveitando um descuido da fazendeira, Jeronimo, que surpreendera Zuca prestes a sair, incita-a a acompanhá-lo. E ante o escanda-lo da povoação, leva-a no «fordinho» para a felicidade. Agora, na fazenda que comprara num «serrão do diabo, lugar de gente braba», Jerónimo cuida ainda da mulher e do filho e espera a benção e o perdão de seu pai. E' Pequetita quem lhe responde, irónica como sempre, duma ironia que pretende explicar naturalmente o seu casamento com o pai de Jerónimo. E' a mesma citadina inconsequente e futil, e quere ainda continuar com Jerónimo—seu enteado—a antiga correspondencia de amizade amorosa. Junto ao berço do filho uma duvida, trazida por aquela carta, paira sobre ambos. «Lentamente, rasgueí em pedacinhos a literatura de minha madrasta». Zuca sorri, no suave egoismo inconsciente de quem vê afastar-se uma sombra.

Como julgo depreender-se deste resumo, nada menos doutrinário, mais directo e mais simples do que esta novela, onde se conta a história dum homem que trocou o bulicio da cidade pela paz da montanha. A paz da montanha numa fazenda confortável, á beira daquele mundo de caboclos miseráveis, descrito assim: «Senti uma indizivel simpatia pelos caboclos que estavam á porta, em conversa, fumando, no repouso de trabalhos de lavoura: caras mongólicas, magras, de zigomas salientes, peitos fundos, sem musculatura, mãos enormes, deformadas pela enxada e pela foice, mãos que eu nunca apertara». E depois: «O caboclo deixou a mão na minha. A dele era grossa como a pata dum palmipede e dava a sensação de não saber segurar senão o guatambu das enxadas: pobre mão de um anónimo escravo da terra, mão de analfabeto, mão que jamais abrira um livro ou tomara de um lapis para escrever a um amigo».

Aqui, como em tantos dos seus poemas, Ribeiro Couto não ignora a sorte de muitos homens que sofrem. Mas não devemos pedir a *Cabocla* o que o autor não pensou em pôr lá. Jerónimo Vieira Pires, burguês e filho de burguês, só podia sonhar uma felicidade alicerçada nas bases do seu mundo. Mas essa felicidade não é agressiva. As figuras humildes que perpassam em algumas páginas da encantadora novela, como Nhô Felicio, Tomé e Chico (cuja carta para Jerónimo, se não é copiada do natural, é uma extraordinária página de compreensão e de ternura) aparecem sem o falseamento de ilusórias *consciências de classe*.

A mais discutivel é a figura do protagonista, e o seu apego subito á vida da terra parece, como profetiza o pai e ele próprio chega a admitir, destinado a desaparecer com os ultimos fumos da embriaguês que o aroma dos matos insinua no seu complexo de mancebo doente e apaixonadiço. Mas a novela não pretende provar coisa alguma. Com a certeza do amor de Zuca, volta a Jerónimo, definitivamente, o gosto pelas coisas da terra. Se se tivesse dado o contrário, a novela [illegible] igualmente certa—ia dizer que estaria [illegible]s certa. Ribeiro Couto atribui o favor do [illegible]olico do seu pais ao «fervor pela terra nacio[illegible] de que pretende ser um espelho a simples[illegible]ória de Jerónimo». E reconhêce: «No fun[illegible]e mim, havia um Jerónimo que sofria». N[illegible], entretanto, que se trate dum «episódi[illegible]essoal», como chegou a insinuar-se. Quere [illegible]r: com *cabocla* ou sem ela, Ribeiro Couto, [illegible]as suas «viagens pela serra acima» sentiu o [illegible]nlevo e a a atracção da terra. Não consta, no entanto, que se fizesse roceiro, e, se o foi, não há no livro. em contra-partida, nada que faça supor que Jeronimo viesse a fazer-se diplomata. Há, pois, um final idealista, uma especie de projecção no permanente de impressões que no autor foram fundas, mas transitórias.

O «regresso á terra», sentimento que o cansaço de paragens estranhas irádica nos escritores diplomatas, tinge-se ordinàriamente das cores excessivas que reveste, por exemplo, n' *A cidade e as serras*, do nosso Eça, e, de certo modo, na *Cabocla*, de Ribeiro Couto. Nem Pepa la Sevilhana, nem Pequetita Novais, nem Joaquim Vieira Pires representam por completo a cidade, com todas as suas atracções e repulsões, e só de longe representam o vicio, a futilidade e os interesses, que, aliás, se encontram também, de forma atenuada, nos campos, seja no sertão brasilico ou numa aldeia lusitania. Dessa transposição de reacções puramente humorais para a fixação em obras de pretensa significação paradigmática, resulta um tom de parcialidade que se aparenta a um subtil reaccionarismo, ainda quando este não figura nas intenções do autor. Eça de Queiroz foi mais longe n'*A Cidade e as Serras* do que Ribeiro Couto na *Cabocla*. Enquanto aquele, dum ponto de vista falso, critica e condena por inuteis os progressos materiais, Ribeiro Couto contenta-se em criticar e condenar a superficialidade dos sentimentos gerados no ambiente artificial das cidades. Mas é nas «negras cidades» que, segundo Antero,

> Há mais alta missão, mais alta glória:
> O combater, á grande luz da história,
> Os combates eternos da justiça!

Não é essa a cidade que se entremostra na novela, nos intervalos das páginas bucólicas.

A prosa de Ribeiro Couto, sem perder nada da sua discreção das obras mais curtas, tem em «*Cabocla* fulgurações mais lentas a iluminarem os fundos onde se movem os seus herois. Os toques da descrição de paisagem são pretexto para a projecção da paisagem humana, mas não está aí o menor dos encantos da obra. Os diálogos são duma propriedade exemplar, e as cartas que entrecortam a acção têm o estilo dos personagens que as subscrevem e não o do autor.

Os retratos de Zuca, de Pequetita Novais, do primo Boanerges, de prima Emerenciana, de José da Estação, de Siá Bina, do pai de Jerónimo, das figuras que assomam numa outra página—como êsse admirável Nhô [illegible]ício—, revelam as melhores tintas da paleta dum observador e dum poeta. E nas duas primeiras, na singela cabocla como na complicada carioca, o poeta afirma aquele conhecimento da alma feminina que já nos mostrara na novela *Isaura*. A singeleza de Zuca não é tanta que as suas atitudes, alternadas de ousadia e de timidez, não tenham dado que pensar ao moço experiente que é Jeronimo e, com êle, ao leitor. A protagonista de *Cabocla* não é um vulto vago projectado numa tela branca; há nos seus actos aquela solidariedade com a vida que nos faz atribuir valor muito relativo ás palavras que, como *pureza, inocência, virgindade*, pretendem impôr regras fixas ao comportamento de seres feitos do barro humano.

João de Barros apresenta com palavras entusiasticas mas justiceiras a edição portuguesa de *Cabocla*.

Não conheço bastante a obra de João Amaral Junior para poder afirmar, como se me afigura, que há nele uma vocação de romancista prejudicada por circunstancias que, com o decorrer dos anos, lhe criaram como uma segunda natureza. A lista das suas obras é já longa, e os titulos de algumas, como *Sou pequenina nos teus braços, Mais do que amor, Um belo dia resolve casar, Vamos ser felizes!*, se não fornecem só por si argumento concludente, ajudam-nos a explicar o seu caso. Há cerca de vinte anos que li—e a ele me referi num semanario qualquer—o seu romance *Direito de viver*, uma das suas primeiras obras, saida não há muito em 2.ª edição, e sem poder garantir se a leitura agora me produzira impressão semelhante, devo declarar que supus estar na presença dum temperamento de escritor susceptivel de mais amplos voos.

Rua do Destino representa talvez uma tentativa de fuga ao ambito habitual das suas realizações. Mas,—lembra-me, talvez sem aproposito, um dito vulgar—a continuação do cachimbo faz a boca torta. Sem entrarmos numa analise minuciosa e demorada, pode dizer-se que as personagens de João Amaral Junior têm reacções naturais, que os seus ambientes não são isentos de verdade, que grande parte do dialogo apresenta pontos de contacto com a realidade. Que lhe falta, pois, para ser um bom romance?

A questão só aparentemente pode ser assim colocada, pois se para um bom romance bastassem reacções naturais, ambientes verdadeiros e dialogos com realidade, não assistiriamos, pela vida fora, senão a magistrais romances. Nem João Amaral Junior pretendeu fazer uma transposição *tal qual* da vida para a ficção, nem essa é a formula unica—admitindo que seja uma formula—de escrever romances.

João Amaral Junior, chamando *Rua do Destino* ao seu livro, quis simbolizar, de maneira geral, a linha sinuosa dos destinos humanos, e particularmente, focar o momento crucial em que certos destinos tocam o seu termo para dar lugar a outros que se esboçam. A concepção, sem deixar de pertencer aos temas romanescos, é de um observador e de um artista. Ora, se no reconhecer que lhe escasseiam dotes de artista.

O seu primeiro êrro é o de nos apresentar Felicia na primeira parte do romance como personagem principal, fazendo-a desaparecer depois. Isso ainda seria o menos se na concepção de João Amaral Junior os destinos fossem traçados de maneira mais metódica, isto é, se a acumulação de pormenores da vida quotidiana, as questiunculas vulgares e as vicissitudes económicas não afogassem quasi por completo o plano geral da obra. Pode dizer-se, em

JOÃO PEDRO DE ANDRADE

(Continua na 7.ª pag)

Depois do extraordinario êxito do livro de

DOMINGOS MONTEIRO

O MAL E O BEM

que está á venda em 2.ª edição, a Editorial IBÉRICA publicou o romance

ADOLESCENTES

de ADOLFO CASAIS MONTEIRO

O encanto e o drama do amor na adolescência através da Pena inspirada de um grande romancista

EM TODAS AS LIVRARIAS: Brochado Esc. 15$00—Ex. especiais a 50$00

EDITORIAL IBÉRICA—R. Santo Ildefonso, 379-PORTO--Tel. 4501

IMAN

Edições «PRO DOMO»

Acabam de sair:

AVENTURAS DE UM GUERREIRO MONGOL

(A BANDEIRA AZUL)

de DAVID-LÉON CAHUN

Empolgante romance realizado por historiador especializado em assuntos orientais.

O primeiro livro em lingua portuguesa sobre Gengis-Cam e as invasões mongólicas.

A autobiografia de um jovem alistado no exército do grande imperador e que assistiu a quase toda a epopeia dos invasores que, partidos dos desertos da Mongólia, atingiram, em avanço fulminante, as planicies da Hungria.

Tradução de José Pedro Machado, que acrescentou numerosas notas explicativas e um Apêndice.

Preço 20$00

por João Mendes

Um profundo estudo critico da obra do romancista

Preço 15$00

Introdução e notas de José Pedro Machado

Comentário e explicação do recente Acordo Ortográfico Luso-Brasileiro.

Preço 12$00

A' VENDA NAS LIVRARIAS

Pedidos á Empresa Editora PRO DOMO, LD.ª—Rua da Atalaia, 18, 1.º, Esq.

Lisboa

PEQUENAS NOTICIAS

PELA POLICIA

NOS «ELECTRICOS»—Viajando em carros electricos, foram roubados os srs. Antonio Cesar Dias, morador na Rua Castilho, 21, 2.º, que ficou sem 5.500$00, e Carlos Baptista, residente na Avenida da Liberdade, 225, 3.º, despojado de 2.720$00.

ASSALTO E AGRESSÃO

Recolheu á sala de observações do hospital de S. José o guarda nocturno Joaquim Neto, de 63 anos, que trabalha num armazem da Ameixoeira, que, esta madrugada, foi apedrejado por um grupo de malfeitores que tentaram assaltar o referido estabelecimento. A vitima apresenta golpes profundos na cabeça.

REUNIÃO MEDICA

Reune-se ámanhã, ás 21 e 30, a Sociedade Portuguesa de Estomatologia, para apreciação dos trabalhos com vista á realização dum Congresso Luso-Espanhol de Estomatologia; e «Um caso de meningismo post-extracções dentárias», comunicação do sr. dr. Marques dos Santos.

CAMARA DOS SOLICITADORES

Realiza-se no dia 21, pelas 12 horas, na sala das sessões do Tribunal da Relação, a assembleia geral da Camara dos Solicitadores, para eleição dos corpos gerentes e apreciação e votação do relatório e contas da gerencia do ano de 1945.

VIDA ASSOCIATIVA

A Sociedade de Instrução de Campo de Ourique elegeu os seus novos corpos gerentes, tendo sido designados para presidentes da mesa da assembleia geral e da direcção os srs. Raul Esteves dos Santos e José Ferreira Simões. A nova direcção, que já tomou posse, resolveu saudar o «Diario de Lisboa».

CONFERENCIAS

—Na próxima terça-feira, pelas 18 e 30, o sr. R. E. Ockenden, realizará uma conferência sobre «The new Secondary Schools in England», na sede do Instituto Britanico em Portugal, Rua de Luis Fernandes, 3.

Caíu um andaime

e ficaram feridos 4 homens

Esta manhã, quando trabalhavam num andaime, dentro do cine-teatro da Venda Nova, este partiu-se, arrastando consigo os estucadores Joaquim da Silva, de 39 anos, residente na Rua José Arsénio das Neves, 35, 1.º; Manuel Lourenço, de 39 anos, Rua Morais Soares, 56, 5.º andar; José Neves de Almeida, de 42 anos, das Telheiras de Cima, 77, porta 15, e Viriato José Direito, pintor, de 29 anos, morador na Quinta do Pau, á Amadora.

O Joaquim da Silva, por ter sofrido contusões graves, foi conduzido á sala de observações do hospital de S. José e os restantes, depois de pensados no mesmo hospital, recolheram a casa.

Demissão do ministro do Interior da Rússia

LONDRES, 16—(De Robert Lloyd, redactor da Reuter)—Atribui-se oficialmente a demissão de Lavernti Pavlovitch Oeria de ministro do Interior da Russia ao facto de que vai trabalhar nos orgãos centrais do Estado soviético. Essa notícia causou entre as pessoas que se interessam pela politica russa uma certa curiosidade. Contudo, não é a primeira vez, nem será a ultima em que se registam modificações nos eltos cargos, sobretudo no momento em que a Russia se prepara para realizar as suas primeiras eleições gerais depois da guerra.—(R.).

Explosão numa mina

WELCH (Virginia Ocidental), 16.—Morreram 14 mineiros, em consequencia duma explosão que se deu ontem numa mina de carvão. Ficaram feridos mais 32 mineiros, mas os outros que se encontravam na mina, em numero superior a 200, escaparam ilesos.—(R.).

DE LUTO

D. Henriqueta da Conceição David

Em Pedrogão Pequeno, faleceu a sr. D. Henriqueta da Conceição David, de 86 anos de idade, mãe do sr. Angelo Pereira, conhecido proprietário do York-Bar, Negresco e sócio do Arcadia, e da sr.ª D. Angela Pereira Barata e irmã do antigo médico em Pedrogão Grande sr. dr. Francisco Henriques David.

O funeral realizou-se esta tarde em Pedrogão Pequeno.

Assembleia Nacional

A Assembleia Nacional recomeçou hoje os seus trabalhos, iniciando a discussão, na generalidade, da proposta de lei, referente á organização hospitalar, já acompanhada do parecer da camara corporativa, devidanmente apreciado pela Comissão Permanente de Assistencia.

A[ssembleia geral do F. C. do Porto

RTO, 16.—No salão da F. N. A. T., á n[á da Batalha, realizou-se ontem, ás 22 ho]ra assembleia geral do Futebol Clube do [Po]rto».

[Presidiu o sr. dr. Mario da Graça Moura, p]residente da assembleia geral, secretariado [pelos srs. Alberto de Brito, presidente da Asso]ciação de Futebol do Porto, e José Donas.

[Aberta a sessão, e depois de a assembleia ter a]provado a acta da sessão anterior—que lhe foi [lida pelo sr. Alberto de Brito—, usou da pa]lavra o sr. Cesario Bonito, presidente da direcção do F. C. Porto, que dissertou largamente sobre a imperiosa necessidade da construção dum parque de jogos para aquela colectividade e enalteceu a valiosa colaboração prestada pela Camara Municipal do Porto e pela União Nacional.

Depois, o sr. Julio Silva, vice-presidente da direcção, deu conhecimento á assembleia das «démarches» feitas na recente visita á capital e afirmou que tudo faz prever que o inicio dos trabalhos de construção do campo deve efectivar-se dentro dum praso curto. Acrescentou que, por tal motivo, virá ao Porto, de 20 a 30 do corrente, o sr. engenheiro José Frederico Ulrich, subsecretário de Estado das Obras Publicas.

Os oradores foram muito aplaudidos, tendo sido depois reeleitos para o exercicio de 1946 todos os corpos gerentes actuais.

Importante apreensão de azeite

Ontem, pelas 17 horas, entrou numa garagem de Gaia uma camioneta carregada aparentemente com caixas de conservas, mas que dava a impressão de ter outra carga mais pesada, visto que as suas molas estavam distendidas.

O caso fez levantar suspeitas, e pouco depois constatava-se que, por baixo das caixas, outra muito mais pesada se escondia. Tratava-se de bidons cheios de azeite.

O facto chegou ao conhecimento das autoridades, e, de madrugada, foi feita a apreensão. Eram 4.000 litros que foram apanhados precisamente no momento em que os tripulantes do carro se preparavam para retirar. São eles: aMnuel Vitoirno Leitão, de Obidos, Fernando Narciso, Luiz Anastácio Cordeiro e Silvino de Carvalho, todos de Porto de Mós, e Ceelstino Faria, de Valbom.

Consta que aos presos foi apreendida uma importante quantia.

Quasi á mesma hora, a Policia apreendia, na Avenida da Republica, uma outra camioneta que se lhe tornara suspeita e que transportava alguns bidons e odres de couro, vazios, escondidos na palha, bem como dois sacos com arroz.

Entre a palha, apareceu um cão morto, e na «cabine» do conduter foi encontrada uma pistola, com quatro balas.

A camioneta tem o numero GG-11-34 e pertence ao sr. António de Sousa Junior, do lugar de aSnto Antão (Batalha), e era conduzida pelo motorista António Patrocinio de Sousa, do lugar da Faniqueira (Batalha), que também foi preso, estando, á hora a que telefonamos, a prestar declarações do comando da Policia desta cidade.

Estas e outras apreensões realizadas nas estações do Porto e dos arredores, de azeite destinado ao «mercado negro», mostram que não é a falta desse produto que origina que ele não seja vendido ao preço da lei.

Não obstante as quantidades atribuidas a cada pessoa serem insuficientes, a sua distribuição é feita irregularmente. Basta que se diga que há três mesese que não é distribuido no Porto o azeite do racionamento!

Acidente de trabalho

Foi atingido pelo volante duma máquina, quando trabalhava ao serviço da Junta Autónoma das Estradas, Manuel da Costa Moço, de 41 anos, casado, maquinista, de Leça do Bailio (Matozinhos), que sofreu fractura de um braço e de costelas. Foi receber tratamento ao hospital da Misericórdia.

Atingido por um tiro de pedreira

Recolheu ao hospital da Misecicórdia, com lesões nos olhos, mais uma vitima de tiros em pedreiras: Marcial Ruas, de 31 anos, solteiro, jornaleiro, de Cela (Chaves).

Frio intenso

O termómetro do Observatorio da Serra do Pilar registou hoje, ás 8 e 30, as temperaturas mais baixas da corrente quadra invernal: á sombra e na relva, respectivamente 1 e 7 graus negativos. E, segundo nos informam, a coisa não deve ficar por aqui... Manifesta-se tendencia para o frio aumentar. E' claro que nas previsões barométricas e termométricas, a reciproca também é verdadeira. E, assim, póde muito bem vir a acontecer que o frio dê o dito por não dito, e, em vez de aumentar, decresça. Mas, por agora, estamos enregelados...

Em consequencia do frio, deu entrada no Hospital da Misericordia, em estado de algidez, e sem fala, Joaquim da Silva Braga, viuvo, carrejão, sem morada certa, que foi encontrado assim num barracão nas Devesas (Gaia).

O PÔRTO PELO TELEFONE

HÁ TRINTA E TRÊS ANOS

O naufrágio do «Veronese»

e a valentia do grande cabo do mar

José Rabumba, o «Aveiro»

Na madrugada do dia 16 de Janeiro de 1913, em frente á capelinha da Boa Nova ao norte de Leixões encalhou o paquete de luxo inglês «Veronese» que transportava 235 passageiros e tripulantes. A noite das mais negras e enevoadas do inverno que decorria rigoroso, logo fez prever aos passageiros do barco que horas bem dificeis se iriam passar. As sereias de bordo deram o sinal de alarme, pedindo socorro. Em terra, apenas os vigias de Leixões estavam a postos. O mar rugia enfurecido e as ondas alterosas começaram de investir contra a amurada do navio, que se metera por cima da penedia, para não mais dali sair. Ao dealbar, espalhada a má nova de vapor em perigo, a população de Leça e Matozinhos começou a acorrer ao local da tragédia, uns dois quilómetros da primeira daquelas localidades. Vieram os socorros, Bombeiros Voluntarios de Matozinhos-Leça, Bombeiros Voluntarios do Porto, Cruz Vermelha ainda em embrião. A mais experimentada gente do mar disse logo que era mais um que a «Costa Negra» ia tragar. De terra começaram a montar-se os serviços de socorros a naufragos e a tomar-se disposições para, no caso de que começassem a chegar naufragos, se lhes prestar os indispensáveis socorros. Na capelinha da Boa Nova improvisou-se uma pequenina enfermaria, tão exiguo é o seu espaço. Medicos, enfermeiros, maqueiros e populares trabalhavam afanosamente. Cá fora, e sob chuva violenta, os voluntários das duas corporações já citadas, sob as ordens do actal coronel Alberto de Laura Moreira, em luta contra o vento e a chuva, faziam esforços sobreumanos para estabelecer o cabo de vai-vem. Por fim, tudo se conseguiu. Salvaram-se por cabo aéreo 92 pessoas, façanha que ainda ha bem pouco, em qualquer outro país, ninguem conseguira igualar.

A corôa de glória dos nossos serviços de salvamento pertencem, porém, inteiramente, a essa figura de lutador que o mar ainda não venceu, apesar de já, por vezes, o ter tido quase nas suas entranhas, José Rabumba, o «Aveiro», patrão do salva-vidas, cujo peito a mui nobre Ordem Militar da Torre e Espada, de valor, lealdade e merito se deve honrar de cobrir. Ao «Aveiro», que tem hoje já cêrca de 80 anos, rijo e forte como o aço, deveram, dessa vez, a vida 102 pessoas, cujo salvamento o velho lobo do mar dirigiu, por entre ondas encapeladas, dum mar que parecia querer cobrir a própria terra.

Dos passageiros e tripulantes perderam a vida 41 pessoas.

José Rabumba é um verdadeiro heroi, duma simplicidade e modestia que afligem e, para se arrancar uma palavra acêrca dos seus feitos, só usando de armadilhas e truques em que ele ingenuamente se deixe envolver. Não se sabe, ao certo, o numero de vidas que já arrancou ao mar. Sabe-se, apenas, que muitas elas são. Salvou marinheiros do «S. Rafael», perdido nos «Cavalos de Fão»; salvou nacionais e estrangeiros, do «Bela Vista», do «Jamaica», do «Beger», do «Silurian» e de tantos e tantos outros barcos naufragados nesta costa em que tantos milhares de vidas se têm perdido. Se mais «Aveiros» houvesse, menos vidas se perderiam, decerto, mas a coragem e valentia não são atributos de todos os homens.

Empregado infiel

Deu entrada no Aljube o moço de lavoura Manuel Soares, de 23 anos, residente na Rua dos Pelames, 52, por ter furtado ao seu patrão, Manuel Ferreira, de Gondomar, a quantia de 3.190 escudos.

Ferido com um machado

Vindo de Teixeira (Baião), foi tratado no hospital da Misericórdia, dum grave ferimento na perna direita, produzido por um machado, Anibal Moreira, de 34 anos, casado, jornaleiro, daquela localidade.

Vida judicial

Tomam posse esta tarde os juizes desembargadores da Relação do Porto srs. drs. António Ferreira, Gustavo Teixeira Dias e Antero Cardoso. A posse ser-lhes-á conferida pelo conselheiro sr. dr. José Joaquim Coimbra, presidente daquele tribunal.

Aeronáutica Civil

Chegou esta manhã ao Porto, de avião, o sr. engenheiro Manuel Bivar, chefe dos Serviços de Segurança do Secretariado da Aeronatica Civil.

Conferência

Sob o tema «Geometrias euclidianas e não euclidianas», realiza amanhã, ás 21 e 30, uma conferencia, no Centro Universitário da Mocidade Portuguesa, o sr. dr. Jaime Rios de Sousa.

Movimento maritimo

Entrou hoje na barra de Leixões, com carga geral, o vapor suéco «Industria».

NOTICIAS DE AVEIRO

AVEIRO, 15—Foram eleitos os corpos gerentes da Sociedade Recreio Artistico, a mais antiga colectividade aveirense. A assembleia geral esteve bastante concorrida. Venceu a lista da oposição aos candidatos apresentados pela direcção cessante.

—A Empresa Cinematografica Aveirense, Limitada, que está a construir o monumental «Cine-Teatro Avenida», cuja sala de espectáculos ficará com uma lotação para 1.600 pessoas, aumentou o capital inicial, que era de mil e quinhentos contos, para três mil contos. A construção do magnífico cine-teatro, que é dirigida pelo sr. engenheiro Angelo Ramalheira, prossegue activamente.

—Entre os lugares de Azurva e Moita, da freguesia de Eixo, apareceu morto o mendigo José Marcos, viuvo, de 80 anos, que, quando se dirigia para casa, ao anoitecer, caiu, devido ao estado de embriaguez, num lamaçal do caminho que liga aquelas duas povoações.

Indústria de conservas

OLHÃO, 15.—Pelo subdelegado do Governo junto do Grémio dos Industriais de Conservas de Peixe do Sota Vento do Algarve, foi dada posse á nova direcção para o bienio 1946-47, constituido pelos srs. José Amandio Guerreiro Correia, João Folque e Brito e José Correia Pontes. Ao acto assistiram varios industriais e a direcção do Sindicato dos operários conserveiros. Os empossados puseram em relêvo as dificuldades com que luta a industria de Olhão, devido, especialmente, á falta de pescas que se sente desde há anos a esta parte.

A nova direcção está a reunir elmentos que a habilitem a ir junto do Governo sugerir medidas que permitam fazer face aos pesados encargos da industria e á situação do pessoal.

NOTICIAS DE VISEU

VISEU, 14—Foi adjudicada á firma João da Costa Faro, pela quantia de 748.922$00, a empreitada para a construção de cem casas económicas, cujas obras vão começar muito em breve.

—No Hospital da Misericórdia deu entrada António Gonçalves Pereira, de 19 anos, casado, residente em Vila Nova do Campo, que caiu a um pôço fracturando uma clavicula, além de ferimentos pelo corpo.

—A Avenida Capitão Homem Ribeiro, hoje uma das mais movimentadas artérias da cidade, não tem, ainda, saneamento, não obstante os incalculáveis prejuizos, fáceis de calcular, não já para a comodidade dos seus moradores, mas, especialmente, para a saude publica. Agora que se instalou a canalização para os esgotos da Avenida António José de Almeida, julgamos boa a oportunidade para se remediar êste mal.

—Deve ser posto a funcionar, ainda êste mês, o Sanatório Distrital de Viseu, tendo estado em Lisboa a tratar da aquisição de vário material cirurgico e da escolha de pessoal de enfermagem o subdirector daquêle estabelecimento, sr. Dr. António de Almeida Ferreira.

—Os Serviços Municipalizados, comunicaram ao publico que á partir de 1 de Janeiro cessaram as restrições ao consumo de água, há meses anunciadas.

VIDA ARTISTICA

Exposição na Casa das Beiras

No próximo dia 22, pelas 17 horas, na Casa das Beiras, realiza-se a inauguração da exposição de pintura do artista conimbricense Américo Diniz, que apresentará cerca de 60 quadros que têm por motivo Coimbra e as Beiras.

Vida desportiva

HANDBALL

Assembleia geral da Associação de Lisboa

Foi convocada para depois de ámanhã, pelas 21 horas, na sede da Associação Lisbonense de Handball, na Rua do Loreto, a assembleia geral ordinária, para apreciação e discussão do relatório e contas da gerência de 1943-44 e 1944-45 e parecer do conselho fiscal, bem como a eleição dos corpos gerentes para o exercício de 1946.

FUTEBOL

Encontro particular

Disputou-se um jogo de futebol entre os grupos representativos dos Escritórios da C. U. F. e da Casa Arquiminio Caeiro, de Evora. Os jogadores eborenses ganharam por 4-1 este encontro, em retribuição de um outro, jogado em Evora, de que tinham saido vencedores os lisboetas por 6-2.

TIRO AO ARCO

Concurso inter-clubes

No próximo domingo, pelas 11 horas, no Jardim Zoológico, efectua-se o 1.º Concurso de Tiro ao Arco, organizado pelo Ginásio Club Português, com a colaboração do Queluz Atlético Club. As inscrições podem ser feitas no local da prova ou até ao dia 19, nos clubes organizadores. Serão disputadas duas taças e nove medalhas.

Num desastre de aviação

morreram 19 soldados ingleses libertados de Singapura

PARIS, 16.—Um avião de transporte da R. A. F. precipitou-se no solo, durante uma tempestade de neve, a noite passada, em Callelogue, próximo de Marselha.

O avião transportava 22 prisioneiros de guerra britanicos repatriados, que tinham sido aprisionados plos japoneses em Singapura. Quando os grupos de salvamento atingiram o local do acidente, o calor era tão intenso que as pessoas não podiam aproximar-se. Do que restava da asa esquerda encontravam-se dois corpos que foram retirados antes de serem atingidos pelas chamas. Foram até agora descobertos 19 cadáveres e 3 feridos, que foram hospitalizados.—(R.).

O funeral dum soldado

que caiu no seu posto

Há dez dias, recolheu ao Hospital Militar da Estrela, por ter sido ferido a tiro, em serviço, numa diligência perto de Alcacer do Sal, o soldado da G. N. R. João Eusébio, que faleceu em consequência dos ferimentos graves recebidos.

No seu funeral, que se realizou hoje de manhã, encorporaram-se numerosos oficiais, sargentos e praças da Guarda Republicana, e todas as unidades da corporação se fizeram representar por delegações.

A assembleia da UNO

Francisco Valença dedica a primeira página do «Sempre Fixe» de hoje á Assembleia das Nações Unidas e ao seu presidente, Henri Spaak, do qual faz uma excelente caricatura.

Botelho aproveitou o nevoeiro da passada semana para assunto da sua esplendida página gráfica de «Ecos da Semana».

Outros artistas que colaboram neste numero: Pargana, Jorge Brandeiro e Aranal. Prosa e versos dos nossos melhores humoristas.

Numero avulso: $50. Assinaturas: rua da Rosa, 57, 2.º (telefones 20271, 20272 e 20273)

Parte da população de Lisboa

resolve a falta de carne

abastecendo-se nos arredores

«Voltando á vaca fria...»—se é que se pode empregar esta frase quando em Lisboa não a há fria nem quente, a não ser nos estabelecimentos e nas casas de pessoas privilegiadas...

O problema do abastecimento da capital, em matéria de carnes, continua sem solução, apesar da sua importancia e dos esforços realizados por diversas entidades interessadas.

Já aqui apontámos diversas razões por que diminui progressivamente o numero das cabeças de gado—o que constitui um dos motivos da falta de carne. No remédio para as principais razões dessa falta está o segredo para a solução do problema. Mas, enquanto ele não aparece—o que se torna dificil, visto que se trata duma vasta e complexa questão—procura-se melhorar a situação, mediante expedientes de urgência.

Aponta-se, como unica solução, o aumento do preço da carne. Comissões de empregados e proprietários de talhos andam há dias a caminho da Junta de Produtos Pecuários, pedindo que tal aumento seja autorizado, com o argumento de que só oferecendo preços compensadores podem fazer com que os criadores lhes forneçam o gado, em vez de o vender a outros negociantes que lho pagtem mais caro para o utilizar no «mercado negro».

Aquele organismo tem-se oposto a tal aumento, com o fundamento de que ele nada resolveria, pois tudo indica que, embora durante quinze dias ou um mês houvesse carne, pouco depois seria pedido novo aumento, a pretexto de novas exigências dos lavradores.

Neste momento, os criadores defendem-se, por terem pastos suficientes para o gado. E essa é uma das razões por que eles só se decidem a vender o gado por bom dinheiro.

O publico de Lisboa, se pode durante um ou dois dias saborear um pouco de carne, fica depois uma semana, ou mais, sem conseguir arranjar qualquer quantidade dela, a não ser por preços incomportáveis para a quase totalidade da população.

Não obstante, em alguns arredores da cidade, nas duas margens do Tejo, a carne não falta, chegando não só para abastecer as populações locais, mas para fornecer hoteis, pensões e restaurantes de Lisboa e pessoas abastadas que a mandam buscar, diáriamente, por homens, mulheres e crianças, que podem transportar até 3 quilos por cabeça. E chega também para fornecer quantidades muito maiores a pessoas que, tendo automóvel, a transportam camuflada...

Todas as manhãs é grande o numero de pessoas que atravessam o rio ou se dirigem, em comboios e camionetas, aos arredores da cidade, e que vivem da diferença entre o preço a que adquirem a carne, acrescido dos gastos de viagem, e aquele por que o fornecem aos seus endinheirados clientes.

A solução de aumentar a importação de gado dos Açores e de Angola também não é fácil de adoptar, sendo necessárias autorizações da Junta Nacional da Marinha Mercante para o seu transporte—autorizações que estão condicionadas pela tonelagem maritima disponivel.

A compra de reses pela Cooperativa dos Comerciantes

As reuniões e as conferências entre os interessados e destes com a Junta dos Produtos Pecuários sucedem-se, mas nada de prático se resolveu ainda.

O Grémio Concelhio dos Comerciantes de Carnes de Lisboa deu á Cooperativa dos Comerciantes de Carnes, onde estão agremiados os proprietários de numerosos talhos, autorização para comprar carne por qualquer preço. Como o Cooperativa é um organismo rico, comprou na provincia numerosas reses, tendo algumas atingido o preço de 230 escudos a arroba. Mas, como nem todos os proprietários de talhos estão filiados na Coope[rativa], foi a carne entregue á Comissão de Ab[astecimen]tos que fez a sua distribuição ao [preço] da tabela oficial, do que discordam os [pro]prietários dos talhos, pois o seu organism[o foi] prejudicado.

No Porto, o caso está mais ou menos ra[cio]nado, pois todos os talhos pertencem á Cooperativa, que, por sua vez, guarda t[odos] os lucros, quando surge qualquer event[ua]lidade como a que se verificou agora em Lisboa, para cobrir os prejuizos, sem sobrecarregar os seus sócios. E assim se consegue cá haja sempre carne, em maior ou menor quantidade, com o que lucram o publico e os comerciantes.

Em Lisboa, pelo contrário, quando há lucros, são para a Corporativa e, quando surgem eventualidades como a actual, os prejudicados são os comerciantes—e, em ultima análise, o publico.

Segundo nos explicou um técnico competente, é absolutamente impossivel fixar, com equidade, preços em todas as peças de carne, segundo as respectivas categorias.

2.500 toneladas de batata importada de Inglaterra

Foram importadas de Inglaterra 2.500 toneladas de batata, para um grupo de armazenistas, continuando, no entanto, a chegar batata da Dinamarca, que muitos produtores da provincia têm comprado para semente.

Foram vendidas 70 toneladas de peixe

Na lota de Santos foram hoje vendidas 70 toneladas de peixe grosso de Cabo Branco, devendo amanhã ser elevada esta quantidade para 110 toneladas. Assim, dada a normalidade da chegada de barcos, o abastecimento de peixe tende também a normalizar-se.

Gado abatido

Hoje foram abatidas, no Matadouro, 60 rezes bovinas para amanhã e 8 vitelos.

Falta de peixe em Almada

ALMADA, 16—Ao que nos informam, o peixe destinado á população desta vila e proximidades está novamente a ser levado para fora do concelho, o que não nos parece certo e suscita compreensivel descontentamento.

QUERE RECEBER O MAXIMO?

Na venda das suas joias, pratas, ouro, brilhantes cautelas de penhor antiguidades, etc.

Em seu proprio interêsse procure, faça favor a

Grande Ourivesaria da Moda

Rua da Prata n.º 257, esquina de Santa Justa

NOTICIAS DE BEJA

Apareceu morta uma mulher

BEJA, 15.—(Pelo telefone).—Apareceu hoje morta, numa barraca junto ao extinto mercado geral de gados, onde residia, uma mulher de nome Francisca Palhaça, solteira, de 63 anos, natural de Setubal. As autoridades verificaram não ter havido crime.

Reunião no Governo Civil

O sr. governador civil esteve hoje reunido com os presidentes de todas as camaras do distrito a tratar de assuntos de caracter politico e social, e muito especialmente, da campanha do socorro social que vai começar a desenvolver-se.

Agressão grave

Recolheu, em estado grave, com um profundo ferimento no peito, ao hospital desta cidade, Antonio Jacinto Cascalheira, trabalhador, de 29 anos, que, na aldeia de Cabeça Gorda, foi agredido á facada, por um motivo futil, por um individuo de nome Jorge dos Santos Palha.

A Academia Soviética

ocupa-se da energia atómica

MOSCOVO, 16—Informações para a Academia Soviética das Cienc,as, cuja sessão geral se realizou nesta cidade ontem á tarde, incluirão os assuntos de investigação da energia atómica.

As pesquisas dos raios cósmicos—radiação inexplicada do espaço que os cientistas soivéticos afirmaram recentemente terem analizado em parte—constituirão igualmente assunto de memórias a ler á assembleia dos cientistas.—(R.).

Principio de incêndio no Rossio

Sobre uma noticia que demos com este titulo esclarece o sr. Navarro de Paiva, electricista que a coluna montante do prédio 93, do Rossio, não está ligada a uma oficina de calçado que existe no quarto andar do referido prédio.

EM 3 LINHAS

A estatua de Geraldo, em Evora, será erguida na rua do Menino Jesus, próximo da muralha e junto da porta por onde o famoso guerreiro forçou a passagem.

///

O indice ponderado do custo da vida em Lisboa estava, no mês de novembro, em 197,3, com a base de 100 em 1938. «E' o valor mais alto até hoje observado», anota o Instituto Nacinal de Estatistica.

///

Em Angola deixaram de estar tabelados quáse todos or produtos alimenticios, como cereais, queijo, carnes e ainda combustiveis liquidos.

///

Vai ser inaugurado em breve o novo edificio da Junta da Provincia, em Beja, risco do arquitecto Vasco Regaleira, que lhe imprimiu caracter regionalista muito equilibrado.

///

No passado mês de setembro—o de maior movimento sempre—viajaram nos caminhos de ferro do país 4.925.406 passageiros, mais 503.476 do que em setembro de 1944.

///

Um prédio antigo da Rua do Carrião, n.os 14 a 18, corre risco iminente e irremediavel de ruir. O proprietário foi intimado a demoli-lo numa parte e a reconstrui-lo.

///

Quatro amadores, em Luanda, meteram-se á caça pelo mato, e tanto se entusiasmaram que se perderam. Apareceram, quási mortos de fome, ao fim de 4 dias. E a primeira cousa que fizeram—foi vender as espingardas.

///

A casa de tipografia e encadernação de Severo, Freitas, Mega, da Rua de S. Lazaro, 115, publicou agora, para oferecer aos seus clientes, um roteiro actualizado das ruas de Lisboa.

///

Pelo Ministério da Educação foi autorizada a venda á Fundação da Casa de Bragança de uma peça de mobiliário indo-portuguesa, considerada de valor artistico, mas que não poderá ser alienada ou sair do país.

///

Foi nomeado presidente do Tribunal de Reclamações e Transgressões da Camara Municipal de Lisboa o sr. dr. Julio da Silva Cabral em substituição do dr. Pinheiro de Almeida.

///

Foram submetidos ao regime florestal parcial os leitos e barrancos de alguns ribeiros da bacia hidrográfica da Bidueira, em Leiria.

///

O Estado vai adquirir 14.700 metros quadrados de terreno para alargar a carreira de tiro nas Caldas da Rainha.

///

No n.º 9 de «Vêr e Crer», entre vária colaboração de sugestivo interesse encontra-se a sentença do presidente dos Estados Unidos U. S. Grant sobre os direitos de Portugal á posse da Guiné (1870).

///

O «Diário do Governo» publica hoje em dez páginas os despachos relativos a um largo movimento judicial, colocação e transferência de juizes e delegados.

///

O engenheiro Longle de Carvalho foi nomeado secretário do subsecretário de Estado das Comunicações.

Urge dotar Sintra

com mais escolas primárias

SINTRA, 15.—E' notória, nesta vila, a falta de, pelo menos, mais duas escolas primárias. O populoso e progressivo bairro da Estefania, não possui, sequer, um estabelecimento de ensino onde as crianças do sexo masculino aprendam as primeiras letras, pois a unica escola que existe, destinada áquele sexo, só admite alunos da segunda classe em diante e estes são em tão elevado numero que ultrapassam o que está superiormente estabelecido.

A Vila Velha, o mais antigo bairro de Sintra, ainda não foi dotado com uma escola primária destinada ao sexo feminino.

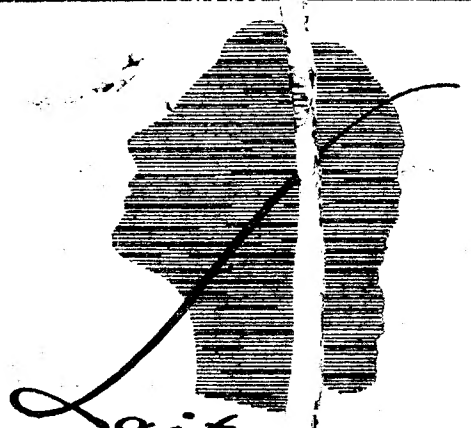
São, pois, de louvar e agradecer todos os esforços que o sr. eng. Carlos Santos, presidente da Camara de Sintra, faça no sentido de remediar as faltas que apontamos.

O episcopado português

começou hoje a sua reunião anual

No Seminário dos Olivais, começou hoje e terminará depois de amanhã a reunião anual do episcopado português, com a presença do sr. Cardeal Patriarca de Lisboa e de todos os bispos metropolitanos, com excepção do da Guarda

Encontram-se também presentes os bispos de Angra e os auxiliares do Patriarcado Helenopole e Vatarba



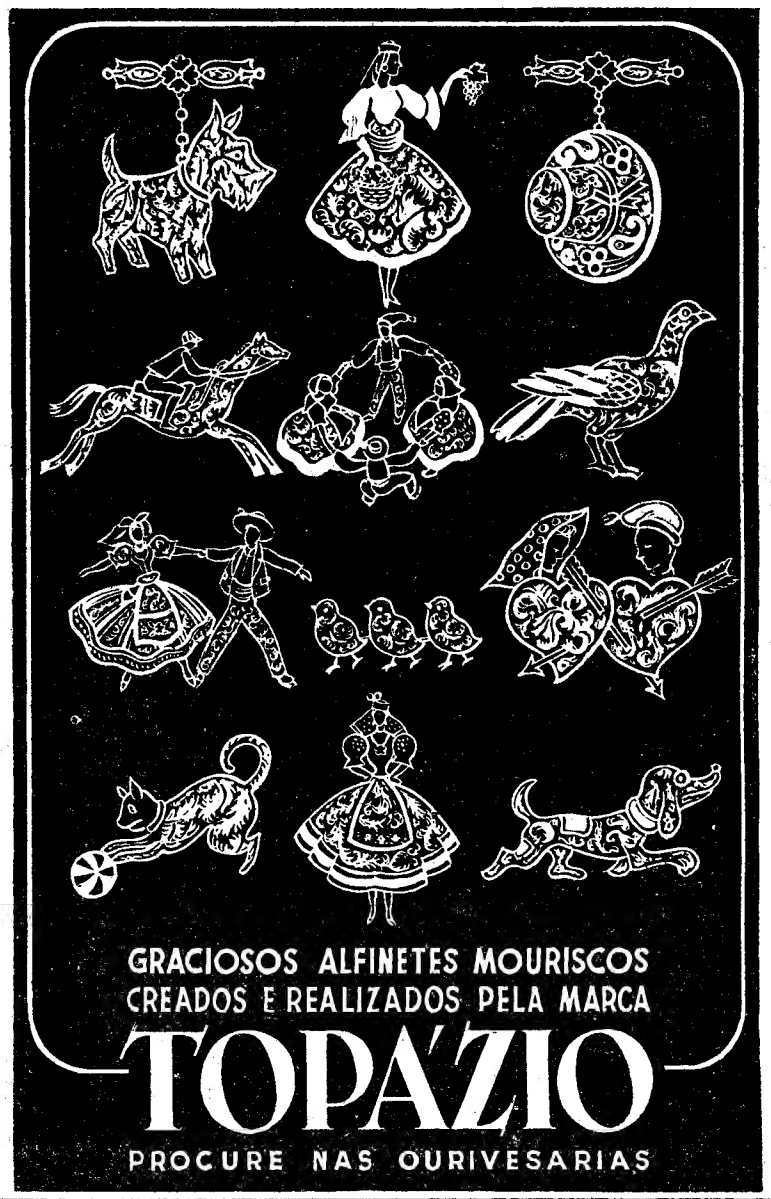
Lait de
BEAUTÉ

O **LAIT DE BEAUTÉ** estabilizado, cuja formula foi elaborada após um arduo trabalho de experiências, é um produto original e soberano para conservar a beleza da cutis da mulher; nada se lhe compara.

O **LAIT DE BEAUTÉ** tem todas as propriedades para, a-par de lavar e limpar a pele e de a nutrir de elementos verdadeiramente especificos, para a sua conservação, simultaneamente, de manhã, ser magnifico pelas suas qualidades de aderência, para fixar o crême, o «rouge» e o pó de arroz.

Sem hesitar, faça hoje mesmo uma experiência, e convencer-se-á do que dizemos.

L.T. PIVER



GRACIOSOS ALFINETES MOURISCOS
CREADOS E REALIZADOS PELA MARCA
TOPÁZIO
PROCURE NAS OURIVESARIAS

LUSTRES

APLIQUES, CASTIÇAIS E CANDELABROS

J. R. de Brito
FABRICANTE

Rua Luiza Todi, 2 (à Rua D. Pedro V)

TELEFONE 20497 Lisboa

É CARO PORQUE É BOM!...

FRIDAL

A melhor, a mais cara, mas a mais económica maçagem facial, para homem e senhora

FRASCO COM 230 GRS.—40$00—(duração minima 4 meses)

ROJÕDEN

PASTA DENTIFRICA DE FAMA MUNDIAL

ENCARNADO—produto de beleza indispensável a toda a mulher elegante

BRANCA—a que melhor limpa os dentes, dando-lhes um brilho sem igual e fora de toda a concorrência

A' VENDA NOS BONS ESTABELECIMENTOS

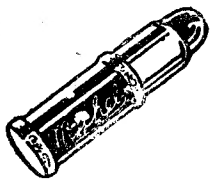
Pedidos a: SOPICO — R. Fábrica das Sêdas, 24-1.º — LISBOA

UM BOM TAPETE E' UM CAPITAL QUE DURA TODA A VIDA

COMPRE UM BOM TAPETE NA

Manufactura de Tapetes de Lisboa

LARGO DA MISERICORDIA, 18,19



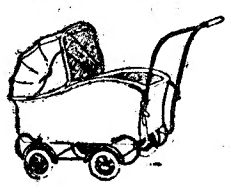
BATON
Michel
15$00

● MICHEL COSMETICS INC.,
DE NEW-YORK

têm o prazer de comunicar que chegou a Portugal a primeira remessa do seu afamado baton, o qual já se encontra á venda em todas as boas casas, tendo o seu preço sido apenas ligeiramente aumentado do da sua ultima remessa enviada para este país em 1940.

Brevemente tambem o Pó de Arroz, Rouge, Cosmetico e Sombra para os olhos nas mais encantadoras côres.

Carrinhos para Bébés e Brinquedos



Os nossos carrinhos e cadeirinhas são da acreditada marca

Fabrinca

Os melhores, de solida construção, com rodas em rolamento de esferas e pintura a esmalte.

Linhas elegantes em vários modelos

A pronto ou com facilidades de pagamento

J. COSTA & SILVA, LTD.
R. Arco do Bandeira, 79, 1.º
LISBOA—Telef. 2 6713
(Atende-se a pedidos da Província)

A'S SENHORAS:

Quereis vestir bem por pouco dinheiro?

Na antiga e acreditada casa de

M.me BETTENCOURT

encontram V. Ex.as a maior, mais linda e recente colecção de vestidos, casacos de peles e de fazenda, raposas, chapeus, etc., em todos os géneros e para todos os preços.

R. Nova da Trindade, 26, 1.º andar
Telef. n.º 2 5316

N. B.—Prestando-se a confusão haver no mesmo prédio mais portas com o n.º 26, não confunda: é no **26, 1.º, porta de escada** com o nome e escudo de **M.me BETTENCOURT**

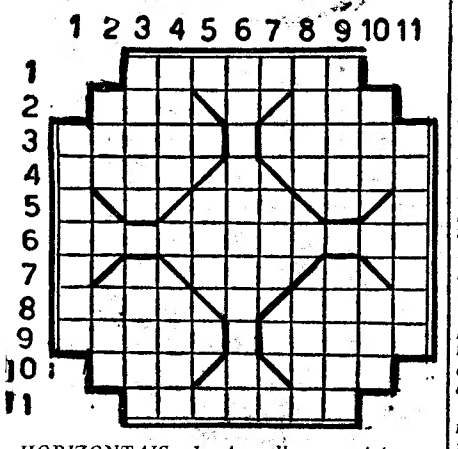
DINHEIRO
EMPRESTA-SE

dando-se o maximo sobre todos os objectos

R. Duque de Palmela, 11
& R. Alexandre Herculano

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 1202



HORIZONTAIS: 1—A mulher que foi amada por Abelard. 2—Colocar. Certos. 3—Lia. Oram. 4—Jarro (planta). Romancista francês autor do «Germinal». 5—Dois mil e cinquenta romanos. 6—Célebre médico grego que fundou em Roma uma escola famosa onde cómbatia as doutrinas de Hipócrates. 7—Vês. 8—Interjeição que serve para perguntar com admiração. Filtram. 9—Nome de homem que também é apelido muito vulgar. Ignóbil. 10—Ente. Dá mios. 11—Uma das três grandes divisões da Oceania.

VERTICAIS: 1—Combate entre exércitos armados. 2—Preposição. Aqui está. 3—Livro de orações. Gracejarem. 4—Vagueio. Simples. 5—Doçura. 6—Ponderara. 7—Lirio. 8—Canal artificial que liga o Mar Vermelho com o Mediterraneo. Engeri alimentos. 9—Pequeno gancho para pescar. Apelido. 10—Clóreto de sódio. Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Asia. 11—Cordoalha de navio.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 1201

HORIZONTAIS: 1—Edêma. Assis. 2—Nulo. Remi. 3—Tão. Côa. Rôr. 4—E's. Morto. Si. 5—Ion. Rua. 6—Cães. Aria. 7—Sic. Cos. 8—Um. Sicas. Na. 9—Dar. Aro. Mil. 10—Agem. Raló. 11—Oasis. Valor.

VERTICAIS: 1—Entes. Sudão. 2—Duas. Maga. 3—Elo. Ias. Res. 4—Mó. Moeis. Mi. 5—Conscia. 6—Dôr. Cró. 7—Atracão. 8—Sr. Ouros. Rã. 9—Ser. Ais. Mal. 10—Imos. Nilo. 11—Siria. Calor.

Crítica Literária

(Continuação da 3.ª pag.)

linguagem cinematográfica, que a planificação está errada. Cenas de minguado interesse aparecem a plena luz ou exageradamente estiradas, emquanto que outras que nos parecem necessárias são ligeiramente tocadas ou apenas esboçadas.

Não se esqueceu o autor de dar a marcha historica do tempo—a acção do romance situa-se entre as duas guerras—, mas nem por isso o tempo *interior* das personagens nos é dado de modo a sentirmo-las viver á medida que os anos decorrem.

Mas a mais grave das limitações que pode imputar-se a esta obra está no estilo. E' aqui que me parece que o autor de *Rua do Destino* conserva as marcas duma longa marcha por caminhos á margem da verdadeira literatura. Não me parece uma linguagem própria a transmitir emoções perduráveis aquela que se serve de expressões como estas: «Subito, no meio da noite imensa, quando todos e tudo dormia, desde a torre da igreja erecta no azul do ceu como um fantasma até ás ramarias nevadas sob o luar, —Felicia acordou, etc.»; «Nascera em seu amago o travo do pecado»; «Conheceram que seus espiritos eram irmãos e daí não quiseram inferir que o amor se serve turpidamente destas e doutras armadilhas para alargar seus passos de seda...»; «... asas invisiveis os tinham erguido a outras paragens, estreitados num repentino amplexo de infinita ternura»; «Ainda que acima de tudo amasse os fulgores do intelecto compreendia que eles ficavam antagonicos do amor»; ou que, mesmo dentro do preciosismo das imagens, surjam equivocos como estes: «pessoa de rosto severo, ao mesmo tempo bondosa e altiva apesar dos seus cinquenta anos»; «o homem dera os seus primeiros passos na descoberta da aviação—e cada vez com mais ansia ambicionava tornar-se passaro, para que ao seu coração de tigre não faltassem asas...»; «O pão tornara-se negro! fabricado com os residuos substitutos da falta de trigo»; «Loira, alta, donairosa, com o sabor visual dum fruto delicioso».

As transcrições são colhidas nas primeiras 75 páginas do livro, que tem mais de trezentas.

Não é agradavel a tarefa do critico quando tem de se referir assim a um livro que veio amavelmente ao seu encontro. No ponto em que está da sua carreira de escritor, não deve ser facil a João Amaral Junior arripiar caminho, nem talvez lho consinta a produção intensiva a que é obrigado. Mas o critico fez honradamente a sua obrigação apontando no escritor os defeitos que abafam as qualidades que apesar deles lhe reconhece, e que poderiam ainda frutificar em obras de linguagem menos afectada e de intenções não demasiado ambiciosas.—J. P. A.

Leiam hoje o Diabo

Teatros e Cinemas

Outros tempos...

Fez 50 anos que desapareceu do numero dos vivos um actor muito modesto chamado Carlos Lima, filho doutro actor, mais conhecido pelo «Lima da Trindade».

O Carlos tornou-se notado não pelo valor na arte de representar, mas pelas suas excentricidades em cena. Cumpria á risca todas as rubricas das peças e não lhe dissessem nada porque tinha sempre uma frase engatilhada para justificar a sua notoria maluqueira:

—Assim é que se exterioriza uma personagem. O teatro é uma verdade eterna, costumava dizer.

Uma vez, na «Niniche», desempenhou o papel de «banhista» e, para apresentar o tipo a rigor, depois de estar em fato de banho, mandou que lhe deitassem um balde de agua pela cabeça para aparecer encharcado em cena.

Entrou a tiritar de frio e, se o Pai do Ceu não fosse amigo de todos os Limas desaparafusados dos miolos, não tinha chegado a 1896. Morria logo em 1880, quando foi a «Niniche», com uma pneumonia dupla.

O que as crónicas não rezam é se o Lima faleceu em casa ou em Rilhafoles...

EFEMÉRIDES

1808: Inauguração do teatro de Buenos Ayres, situado no sitio que tem o mesmo nome. Diz Sousa Bastos que da companhia de estreia faziam parte os artistas: Catarina Talassi, Rosalina Maria, João António Duarte, João Inacio Henriques, José António Ferreira, Francisco António Ferreira e Evangelista da Costa.

Faz amanhã anos: a actriz Zita de Oliveira (Maria Tereza Alves de Oliveira).

Atrás do reposteiro

O «compére» da revista em ensaios no Avenida, de nome «Zé Paz de Alma» vai ser desempenhado pelo actor Ricardo Santos Carvalho.

—Está definitivamente assente que em seguida a «Os Maias» suba á cena, no teatro D. Maria, a comedia épica de Paul Raynal, «Napoleão, o Unico», em tradução de Norberto Lopes.

—Da companhia de comedia do teatro Apolo fará parte o actor João Perry.

—No dia 27 deste mês, realiza-se no Grupo Dramatico Lisbonense, a primeira recita do Concurso de Arte Dramática 1946, subindo á cena a comédia em 3 actos «Mosquitos por cordas».

—Vai ser adaptada a filme a comedia «A Ditadora», que a epoca passada a companhia Maria Matos representou no Ginásio.

—O «Neto do Barba Azul», que será representada no Avenida, é uma adaptação de João Bastos, de uma peça de Giovani Cenzato. Tem 3 actos e 4 quadros e musica do maestro Wenceslau Pinto.

—O actor Alberto Ghira é quem está a dirigir os ensaios de poema da revista do Avenida.

«Israel», no Funchal

A companhia Brunilde Judice-Alves da Costa representou, com grande êxito, no Funchal, a peça de Bernstein «Israel», que continua deste modo a sua carreira triunfal na versão portuguesa.

A critica elogiou o desempenho de Brunilde no papel de «Duquesa de Crecy», de Alves da Costa no de «Principe de Condé» e de António Sacramento no de «Eduardo Halevy».

O «Diário de Noticias», daquela cidade, escreve: «A par do valor da peça, temos o da interpretação. Em «Israel», Brunilde não se conserva muito tempo em cena, mas, quando aparece, a sua presença prestigiosa modifica o ambiente, enriquecendo-o de calor emotivo. A grande comediante deu-nos, no segundo acto, possivelmente a sua maior interpretação desta temporada na Madeira».

O critico diz que a ilustre actriz foi «simplesmente assombrosa de naturalidade e verdade artistica» e acrescenta que «todas as cenas do 2.º acto entre Brunilde e Alves da Costa e entre a primeira e António Sacramento são de bom teatro, bem interpretadas e de grande beleza espectacular».

Primeiras exibições no Porto

«A Senhora Parkington», no Trindade e no Olimpia

«A senhora Parkington»—reprodução cinematográfica dum livro muito divulgado de Louis Bronfield—que o Olimpia e o Trindade têm, desde ontem á tarde, no cartaz, é uma daquelas produções que fogem garbosamente á mediania e se espelham no «écran» em imagens de sublime perfume espiritual que enebriam deleitosamente os sentidos.

Toda a acção do filme se desenrola num ambiente de inexcedivel e requintad[o] elevação, e a nota amorosa, banhada pela l[uz] diáfana da beleza anímica não desce nunca á [e]quivoca expressão sensorial.

O próprio conflito psicológico [so]cial mantém invariavelmente um nivel de [a]nscendente superioridade.

Depois, desde as decorações [in]teriores, de rara magnificencia, até ás lin[das] de fino e elegante corte das «toilettes», há [em] tudo um notavel equilibrio cenico.

Greer Garson, na «Senhora P[arkington]», e Walter Pidgeon, no «Major Par[kington]», têm duas criações magistrais, contribu[indo] em grande plano para o êxito do filme. [Com]plementos apreciáveis.—«*Visor tripeiro*».

Cinema nacional

Servae Tiago e Eurico Ferreira [trab]alharão de sociedade, em futuras produçõ[es] de desenhos animados, depois de um film[e] a que estão ligados os nomes de Teixeira [de] Fonseca e Trindade de Carvalho.

—João Silva será o novo gal[ã] do filme «Matinée ás 4».

—A actriz Gema del Rio, cantará [no] mesmo filme uma canção original dum dos nossos mais aplaudidos compositores.

—O novo filme dos Artistas Unidos será a comedia «Os vizinhos do rés-do-chão», de Fernando Santos e Almeida Amaral.

—Hoje, á noite, no Politeama, é apresentada pela primeira vez em Lisboa, a nova fita portuguesa, «José do Telhado», de Armando Miranda, num espectáculo exclusivamente destinado a convidados: Imprensa, entidades oficiais, etc.

ESPECTÁCULOS NO PÔRTO

SA' DA BANDEIRA—«Viva o Porto!»
COLISEU DO PORTO—«Supremo Sacrificio».
S. JOÃO CINE—«Os Misterios da Vida».
RIVOLI—«Passagem para Marselha».
AGUIA DE OURO—«Tempestade de Verão».
TRINDADE E OLIMPIA—«A Sr.ª Parkington».
JULIO DINIZ—«O Coração não Envelhece».
CARLOS ALBERTO—A's 21 e 30—«Os Seis Demonios do Crime».
ODEON—«O Homem que Fabricava Monstropas e «Desafiando o Perigo».

COLISEU DO PORTO TEL. 5196
Um filme que empolga
SUPREMO SACRIFICIO
com Ralph Richardson

S. JOÃO Telef. 2458 — A's 21 e 30 — Mistérios da Vida — Um filme de Duvivier
Aguia d'Ouro — Tempestade de Verão — com Linda Darnell

Rivoli — A's 21 e 30 — Em 2.ª semana — Passagem para Marselha
Tel. 2788

TRINDADE Tel. 4412 — Estreia ás 21 e 30 — A Senhora Parkington — com Greer Gar[son] e Walter Pidg[eon]
OLIMPIA Tel. 533

JULIO DINIZ — A's 21 e 30 — Um espectáculo de rara categoria — O Coração não Envelhece
Telefone 9559

CARLOS ALBERTO — A's 21,30 — Os 6 Demónios do Crime
Telefone 4540

ODEON — A's 21 e 30 — O Homem que Fabricava Monstros Desafiando o Perigo
Telefone 4850

Associação de Socorros Mutuos dos Empregados do Estado

ao Funcionalismo Publico

São convidados todos os socios e demais funcionários publicos a assistirem á sessão solene que se realiza na sede social, Rua Augusta, 8, no dia 17 do corrente, pelas 17 horas, para comemoração do 90.º aniversário da sua fundação.

SÁ DA BANDEIRA
TEL. 2595 — Ás 21 e 30
A 14.ª semana da revista
«VIVA O PORTO!»
completamente remodelada
com quadros novos e uma grande atracção
A Troupe Perezoff

PEÇAM BRANDY POCAS JUNIOR
Agentes distribuidores: Pérola do Oriente, L.
Rua da Rosa, 198—Telef 25565

O PRETO NO BRANCO

(Continuação da 2.ª pag.)

A esta pergunta directa, eu respondi, modesto:

—Não senhor. Não vê v. ex.ª que, para esse caso não me sinto com capacidade eleitoral. Deve ter v. ex. ouvido falar naquela historia do homem que ia atravesando uma floresta, a cavalo no seu burro, quando surgiram os ladrões. O homem queria que o burro fugisse para escapar a ser apanhado pelos ladrões. Ora, o burro deu, nessa ocasião ao homem, solidos e serios argumentos para não fugir

O meu profeta interrompeu-me, desdenhoso:

—Razões de burro, senhor! Razões inaceitaveis. A renuncia a escolher é uma abdicação que eu não tolero. Pela minha parte já escolhi.

—E quem, pode saber-se?—interroguei eu curioso. Muito serio, muito compenetrado, o homem respondeu-me:

—Escolhi um Povo que ainda não fez a sua aparição na História e que me é, profundamente simpatico Não é muito numeroso, o que tem a vantagem de fazer com que a sua actividade directiva não nos custe muito cara. Não tem uma industria a impor-nos o que nos permitirá manter a protecção ao trabalho nacional, com pautas rapaveis. O seu comercio é também limitado. E sobretudo, atente, o senhor nisto—é um povo essencialmente moral. Os seus costumes são puros. E' um povo pudico. Bastará dizer-se que não há noticia de que nas suas praias, se cultive o nudismo—antes pelo contrário. Desconhece mesmo o nu artistico, pretexto para todos os excessos e exibições.

E' uma raça notavel e simpatica pelo seu sangue-frio. A sua influência no mundo, exercerá sem duvida sobre as paixões que escaldam, sobre as violencias de temperamento que levam ás grandes tragedias, uma acção eminentemente sedativa e apaziguadora. A sua literatura, que nos é quasi totalmente desconhecida, dará uma nova originalidade ás outras literaturas, desvairadas na busca duma originalidade que leva ás maiores aberrações estetica. Na pintura, estou em que, a sua influencia também se fará sentir sobre os desvairamentos cromaticos que deram origem aos quadros que concorrem, inferiormente, com os umbrais das drogarias. E' esse o meu Póvo eleito, o meu povo hegemonico, no qual eu não me importaria de delegar os destinos e a direcção do Mundo. Eu olhava o homem indeciso, sem atingir que raça seria essa, senhora de tantas virtudes, que só a ela o meu profeta achava digna de dirigir o mundo e iniciar uma nova era historica. E como ele se calasse, perguntei-lhe:

—Mas que Nação ,que raça, que povo é esse em que fala com tanto entusiasmo?

—Pais não adivinhou ainda?—tornou-me ele. Não lhe salta aos olhos a evidencia que se contem as minhas palavras?

—Confesso-lhe que não—respondi.

—São os esquimós, senhor! Os esquimós, que tem sido tão pouco aproveitados, a ponto de só se falar deles no verão, quando o calor aperta e mesmo assim misturando-os hibridamente com cacau que é um produto trópical. A humanidade para se salvar, tem de volver os seus olhos para o Norte, para o circulo polar artico e inaugurar a era «esquimó» da Civilização!

Eu fiquei a pensar na solução que não perfilho. Todavia ela ai fica como um alvitre.—R. C.

ADILIO QUEIROZ & CIA LDA
RUA DE SANTA CATARINA, 130

NEON
Acaba de inaugurar nas suas instalações um atelier para fabricação e reparação de tubos luminescentes.
DIRECÇÃO TÉCNICA DA N/ REPRESENTADA

ELECTRO RECLAMO LDA

Artes decorativas
EXPOSIÇÃO PERMANENTE
LOJA-CAVE-1.º ANDAR

Os trabalhos da Assembleia das Nações Unidas

(Continuação da 1.ª pag.)

de das Nações. Poderá agora verificar-se que emquanto não se definirem as relações da ILO e da UNO, a Grã-Bretanha não se mostra disposta a estabelecer relações entre um organismo não governamental e a nova organização, o que pode prejudicar e certamente afectaria as perspectivas finais da ILO.—(Reuter).

Um jantar em honra dos delegados das Nações Unidas

LONDRES, 16—Na antiga casa dos reis e rainhas de Inglaterra, em Greenwich, os principais representantes das delegações das Nações Unidas foram ontem hóspedes do Governo britanico, num jantar.

Mais de 200 pessoas se reuniram no célebre «Painted Hall», do Real Colégio Naval construido por sir Christopher Wren, no século XVII, que deve o seu nome ás lindas pinturas murais de sir James Thornhill.

Os hóspedes sentaram-se em três grandes mesas com candelabros de prata e decoradas com estatuetas do mesmo metal. Eram recebidos por membros do pessoal do Real Colégio Naval no seu magnifico uniforme «modelo Nelson», com calções até ao joelho e sapatos de fivela.

A' entrada da sala a banda da Marinha Real tocava trechos selectos de compositores ingleses.

O jantar reduziu-se a três pratos, de acordo com as actuais regras «de austeridade», mas incluiu «brandy» especial de 1820 das adegas da Marinha Real.

O primeiro ministro acolheu os hóspedes em nome do Governo britanico rendendo homenagem especial ao convidado de honra da note, Pual Henri Spaak, ministro dos Estrangeiros da Bélgica e presidente da Assembleia Geral das Nações Unidas. Disse: «Para o meu espirito, é o mais agradavel possivel que as vossas deliberações sejam presididas por um representante de um pequeno país que, embora o seu povo nunca tenha sido agressivo, foi pela sua posição geográfica, campo de luta da Europa. Nenhum país tem maior interêsse na paz do que a Bélgica».

Dizendo que ele tomava esta reunião como um simbolo da harmonia das nações, Attlee acrescentou: «Não deixa de ser conveniente que aqui, na linha divisória entre os hemisférios oriental e ocidental, haja uma reunião dos representantes de todas as nações que se juntaram para tentar submergir as velhas divisões numa unidade maior».

Spaak, na sua resposta em francês, pediu aos presentes que consagrassem os bravos jovens da Marinha Real que tinham saido deste Colégio, onde agora se achavam reunidos para dar as suas vidas pela causa da Liberdade. —(Reuter).

O trabalho exaustivo para o registo de tudo quanto se passa na UNO

LONDRES, 16—(De Seagham Maynes, redactor da agencia Reuter).—A UNO pode passar á Historia como uma organização que realizou a paz por um grande espaço de tempo ou que falhou o seu objectivo. Mas qualquer que seja o caminho dos acontecimentos, os 500 dactilografos e escriturários, intérpretes e estenógrafos dão a garantia ao Mundo de que este ficará conhecendo a razão do exito ou do malogro. Emquanto os delegados de 51 nações debatem os problemas internacionais e a segurança mundial na vasta sala de conferencias, cada uma das suas palavras é registada para a posteridade. Em várias salas que flan[illegible]eiam o salão central onde mais de [illegible]50 delegados proferem cerca de [illegible]00 palavras por dia, mais de 400 [illegible]ncionários trabalham afincadamen[illegible], enchendo folhas e folhas de pape[illegible] respondendo a centenas de chamad[illegible] telefónicas. O salão central es[illegible] convertido numa moderna torre d[illegible] Babel, com 250 telefones e 50 «P[illegible]X.», levando as palavras que se pro[illegible]ciam para 50 países. Entretanto, [illegible]io corre na maior serenidade e harm[illegible]ia..

Mes[illegible]antes da Assembleia Geral se ter [illegible]ido, publicaram-se 2.360.000 docum[illegible]tos, uns de uma pagina apenas e [illegible]utros chegando a 250 páginas, como [illegible]eja, por exemplo, o relatorio da Comissão Preparatoria.

Simultaneamente o Departamento da Imprensa publicou impressos numa quantidade superior a 11 toneladas.

As palavras que são pronunciadas pelos delegados—em inglês e francês, que são as linguas oficiais da UNO—são fielmente registadas por um grupo de treze ingleses e americanos e seis franceses, estenógrafos os mais habeis, que conseguem registar mais de 250 palavras por minuto, numero verdadeiramente extraordinário. No grupo britanico e americano há apenas duas mulheres e no grupo francês três.

Estes reporteres oficiais revezam-se de 15 em 15 minutos silenciosamente. Cada um que se retira dirige-se para uma sala onde passa as notas tomadas para texto corrente, a fim de ser incluido nos relatos oficiais. No vertice da piramide de 277 funcionarios do secretariado figura o secretario da Comissão Executiva, Gladwin Jebb, que tem um adjunto, um consultor juridico, três outros consultores, cada um com o seu adjunto, quatro secretários. Entre o pessoal, figuram também 32 interpretes e tradutores incumbidos dos textos em inglês, francês, chinês russo e espanhol.—(Reuter).

A situação em França

(Continuação da 1.ª pag.)

é inteiramente sombrio. Enquanto se espere uma certa subida de preços, a despeito das promessas do Governo de evitar esse mal, surgem algumas probabilidades razoaveis de se evitar que a inflação aumente. Em vez de pedir empréstimos ao publico, o Governo, nas próximas semanas, tem disponibilidades para financiar uma parte importante das suas necessidades com o ouro, transferindo para o fundo de estabilização dos cambios—melhor denominado fundo de exportação. Da sua reserva ouro, o Governo destinou para esse fundo 53.611 milhões de francos. As mercadorias compradas no estrangeiro e pagas a ouro serão vendidas em França aos industriais e outros em troca de notas de Banco, aumentando assim a produção de mercadorias no país e diminuindo o volume das notas em circulação. A transferência desse ouro—400 toneladas—para o fundo de estabilização francês funciona como um travão na inflamação. Outra fonte de auxilio para a posição financeira do Governo virá dos impostos cobrados no principio do ano e cujo montante se espera que seja enorme. —(Reuter).

A situação na Grécia

ATENAS, 16—Temistocles Sophoulis, primeiro ministro liberal da Grécia, disse ontem á noite que o seu Governo não ligava importancia ás notícias de que os comunistas gregos estão a tentar provocar disturbios em Atenas, entre os dias 15 e 18 de Janeiro.

Disse: «Os comunistas e todos os outros sabem que o Governo imporá a ordem».

A policia tomou, entretanto, disposições varias, incluindo a guarda das casas dos politicos das direitas.—(R.).

Escudos - 18$00

E' o preço com vinhos dos famosos e suculentos **Almoços** e **Jantares** do Velho CAFÉ' RESTAURANTE SUÍÇO

8—Praça D. João da Camara—10

Lord Beaverbrook desmente a sua influência na estratégia do seu partido

LONDRES, 16—Lord Beaverbrook, proprietário do «Daily Express», desmentiu hoje categoricamente no seu jornal que tenha dirigido a estratégia do Partido Conservador nas ultimas eleições gerais. Respondendo a essa «falsa» acusação, Beaverbrook declara que, boa ou má, ele pouca parte tivera na organização da estratégia do Partido e acrescentou: «Todos os ministros conservadores recomendavam eleições gerais logo depois do colapso da Alemanha. A Comissão dos Deputados do Partido Conservador decidiu, quase por unanimidade em favor de imediatas eleições gerais. Assim, verifica-se que tal decisão pertence ao país e não foi tomada apenas por meu conselho».

Beaverbrook acrescenta que não foi consultado acerca do discurso de Churchill de 4 de Julho nem a respeito da correspondencia trocada com o chefe trabalhista Attlee acerca do professor Harold Laski, nem ainda mesmo sobre a propaganda oficial do partido excepto com a clausula relativa á agricultura. Beaverbrook exprimiu a sua surpresa pelo facto do presidente da Comissão Executiva do Partido não ter revelado qualquer destas circunstancias na sua defesa reunião dos candidatos derrotados», quando foi atingido por criticas numa

A resposta de lord Beaverbrook foi provocada principalmente por um artigo publicado em 14 de Janeiro corrente, pelo jornal «Liverpool Post».—(Reuter).

A contra-revolução

na Venezuela foi sufocada rápidamente

CARACAS, 16.—A contra-revolução que tentava restabelecer no poder os partidários do antigo presidente general Isaias Medina foi sufocada com rapidez e energia, segundo anuncia o Governo provisório da Venezuela. O general Medina foi derrubado por um movimento revolucionário em Outubro ultimo, sendo substituido no poder por Romulo Betancourt. Na conjura contra-revolucionária estavam envolvidos tanto militares como civis. A ordem está completamente restabelecida. Foram presos dois politicos, aliás pouco conhecidos, por terem tomado parte no movimento: Noé Vale e Narciso Cacique. Supõe-se, porém, que individualidades com mais prestigio politico estavam envolvidas no movimento. Anunciou-se oficialmente que deve ser promulgada em breve a lei eleitoral, para o povo da Venezuela escolher livremente o presidente constitucional da Republica e os representantes da Assembleia Nacional.—(R.).

Chegaram a Londres

um general e soldados alemães transferidos de Oslo

LONDRES, 16.—Segundo o «News Chronicle», chegaram ontem to aeroporto de Croydon, próximo de Londres, um general alemão e alguns soldados das tropas de choque que estavam algemados. Fizeram a viagem directamente de Oslo, num avião de transporte «Dakota». A informação acrescenta que o grupo foi transferido para carros fechados que se dirigiram para destino desconhecido em Londres, e que quando o reporter do «News Chronicle» perguntou no Ministerio da Guerra os nomes dos alemães e o motivo de terem sido trazidos para Londres obteve a resposta de que era «impolitico fazer qualquer declaração».—(R.).

A política chinesa

CHUNG KING, 16—Cinco comissões nomeadas ontem pelo Conselho Consultivo de todos os partidos politicos que está a tentar estabelecer a unidade da China tratarão da reorganização do Governo, do programa politico comum, dos assuntos militares da Assembleia Nacinal e da elaboração duma Constituição.—(R.).

Revelou-se em Nuremberg a ordem de Hitler para expulsar de Viena a população judaica

NUREMBERG, 16—(De Eric Bourne, correspondente especial da Reuter)—Na acusação contra Baldur Von Schirach, primeiro chefe da juventude nazi e governador de Viena de 1940 até ao colapso da Alemanha, apareceu hoje a ordem de Hitler para que os judeus fossem expulsos de Viena, devido á escassez de alojamentos.

Seguidamente ao caso de Schirach, na audiência de hoje foi apresentada a acusação contra Martin Bormann, adjunto de Hitler, cuja morte foi anunciada na ultima semana. O capitão Dnekel Strecher, da acusação norte-americana, ocupando-se do caso de Schirach, acusado de estar implicado em crimes contra a Humanidade, do trabalho escravo, do programa da perseguição á Igreja e da perseguição aos judeus, disse que a ordem dirigida por Hitler a Schirach, em Dezembro de 1940, implicava a deportação para o oriente de 60.000 judeus de Viena.

Strecher citou um discurso de Schirach em Viena, no ano de 1942, em que o acusado disse: «Todo o judeu que exerça alguma influencia na Europa é um perigo para a cultura europeia. Se alguem me acusa de ter expulsado da cidade que foi em certa época a metrópole europeia dos judeus, dezenas de milhares deles, eu sinto-me obrigado a responder que considero esta acção como uma das mais fortes contribuições para a cultura europeia».

O tenente Thomas Lambert ocupou-se então do caso Bormann, cuja morte foi anunciada na ultima semana quando tentava fugir de Berlim, pouco antes de ser preso. Fora decidido há alguns meses que Bormann seria julgado á revelia. Depois do caso Bormann, tratar-se-á da acusação contra Arthur Seyss-Inquart, antigo chanceler da Austria e governador da Holanda, de Wilhelm Friech, ministro do Interior da Alemanha até 1943 e mais tarde chefe dos protectorados europeus e de Hans Fritzsche, chefe dos serviços da rádio de Hitler. A apresentação dos casos individuais será temporariamente interrompida ámanhã para o inicio da acusação francesa, a cargo de François De Menthon, que se ocupará dos crimes de guerra e dos crimes contra a humanidade perpetrados pelos alemães na Europa ocidental. O seu libelo será seguido pelos casos dos réus individuais, que está a cargo dos acusadores britanicos e americanos. Depois disso, a acusação francesa voltará aos detalhes do seu caso. O tenente Lambert declarou que Bormann «foi o principal arquitécto da conspiração nazi. Ele maquinou e pôs em movimento toda a organização do Partido para impôr a vontade dos conspiradores ao povo da Alemanha. Foi revelado que em 1924, Bormann, quando era chefe nazi no Mecklenburgo, foi condenado a um ano de prisão pela parte que tomou em um assassinio politico.—(Reuter).

Carvão da América

para a Europa

WASHINGTON, 16. — Os Estados Unidos carregarão 1.500.000 toneladas de carvão para a Europa durante o mês de Janeiro, contra 1.182.000 em Dezembro, afirmou o director da Reconversão, John Snyder.

Disse que o «déficit» de mais de 2 milhões de toneladas nas exportações dos dois ultimos anos deve ser coberto antes de Abril.—(R.).

IMPERIUM SALÃO CHÁ

LANCHES·BANQUETES·ALMOÇOS·JANTARES

Rua S. Justa 105·T 27527